



Rio de Janeiro

CADERNO DE RESUMO • SEMINÁRIO

PROJETO
MEMÓRIA

LÉLIA
Gonzalez

Caminhos
e Reflexões
Antirracistas e
Antissexistas



Realização:



Parceria:





PROJETO
MEMÓRIA

LÉLIA
Gonzalez

Caminhos
e Reflexões
Antirracistas e
Antissexistas



Rio de Janeiro

Porto Alegre

Belém

Salvador

Belo Horizonte

São Luís

Brasília

**3 de fevereiro
a 7 de abril
de 2025**

Centro Cultural
Banco do Brasil
Rio de Janeiro





SOBRE

**Lélia
Gonzalez**

Nascida em Belo Horizonte no dia 1º de fevereiro de 1935, Lélia de Almeida mudou aos 7 anos para o Rio de Janeiro. Ela não precisou trabalhar nova, por ter muitos irmãos mais velhos. Impulsionada por eles e por sua mãe, Lélia pôde se dedicar aos estudos.

Graduou-se em História e em Geografia pela então Universidade do Estado da Guanabara, hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi professora de Ensino Médio e, aos 30 anos, começou a estudar Psicanálise.

Em 1975, fundou o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras e o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. Além de criar o primeiro curso institucional de cultura negra do Brasil.

Ainda antes dos 40, Lélia já era uma intelectual reconhecida. Foi quando se tornou ativista do movimento negro, por meio do Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo, pelo qual se tornou uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado em 1978.

A partir de então, no meio intelectual começou a trabalhar para quebrar a ideologia hegemônica racista e sexista que imperava no meio acadêmico. Ela começou a abordar os debates contemporâneos do Brasil e do mundo por uma centralidade amefricana.

Concorreu a deputada federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT) em 1982 e trabalhou como assessoria da então vereadora de primeiro mandato Benedita da Silva, no Rio de Janeiro. Contribuiu com a fundação tanto do PT como do PDT, além do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras e do Olodum.

SOBRE O PROJETO MEMÓRIA

Criado em 1997, pela Fundação Banco do Brasil, o Projeto Memória tem como missão resgatar, preservar e difundir a vida e a obra de importantes personalidades que contribuíram para a transformação social e a construção da cultura brasileira.

Foram realizadas 13 edições, com o objetivo de valorizar a cultura e a história do país, a partir de homenagens a personalidades e fatos que ajudaram a construir a identidade nacional e fortalecer a cidadania.

Já foram homenageados pelo Projeto Memória o poeta Castro Alves, o escritor Monteiro Lobato, o jurista Rui Barbosa, o navegante Pedro Álvares Cabral, o presidente Juscelino Kubitschek, o sanitarista Oswaldo Cruz, o sociólogo Josué de Castro, o educador Paulo Freire, a feminista Nísia Floresta, o líder da Revolta da Chibata João Cândido, o sertanista Marechal Rondon, e o poeta e escritor Carlos Drummond de Andrade.



1º DIA – 03.FEVEREIRO.2025

SEMINÁRIO

“Caminhos e Reflexões Antirracistas e Antissexistas”

Rio de Janeiro, RJ

Mediadora
Melina de Lima



Historiadora, Pesquisadora e Organizadora. Coordenadora de Articulação Interfederativa do Ministério da Igualdade Racial. Diretora de Cultura e Educação do Instituto Memorial Lélia Gonzalez. Co-fundadora do Projeto Lélia Gonzalez Vive. Neta orgulhosa de Lélia Gonzalez.

Convidada
Jurema Batista



Professora, formada em Português - Literatura, com especialização em Políticas Públicas pela UFRJ. Foi eleita por 3 vezes vereadora, além de ter sido a primeira deputada estadual negra do Rio de Janeiro. Defensora dos Direitos Humanos, sempre lutou em defesa das populações desfavorecidas, trabalho este que atravessou fronteiras, sendo reconhecida pela ONU, com indicação ao Prêmio Nobel da Paz de 2005.

Convidada
Elizabeth Viana



Socióloga, pós-graduada em Sociologia Urbana/UERJ e mestre em História Comparada/UFRJ. Feminista e militante do Mov. Negro e de Mulheres Negras. Autora da dissertação: “Relações raciais, gênero e movimentos sociais: O pensamento de Lélia Gonzalez 1970-1990.” Orientador: Prof. Dr. Flávio Gomes, IFCS/UFRJ.

Convidada
Patrícia Marins



Funcionária do Banco do Brasil, especialista em finanças. Integra o BB Black Power, o coletivo Maria Firmina e movimentos negros, com foco no empreendedorismo de mulheres pretas.

PAINEL I

A influência de Lélia Gonzalez na Luta Antirracista e Antissexista

FALAS DE ABERTURA



Christiane Lima (Mestre de Cerimônia) Boa noite a todas e todos. Eu me chamo Cristine Lima,. É com grande alegria que damos início a primeira noite de seminário do Projeto Memória Lélia Gonzalez: Caminhos e reflexões antirracistas e antissexistas.

Este é um momento muito especial, onde celebramos e homenageamos a história, a luta e o legado de Lélia Gonzalez cuja contribuição foi e continua sendo inestimável para a sociedade. Para começarmos nossa jornada de hoje iremos exibir o vídeo institucional, que apresenta o Projeto Memória Lélia Gonzalez. E, na sequência teremos o prazer de assistir ao videodocumentário que aborda a trajetória e atuação de Lélia.

Em homenagem aos 90 anos do nascimento e 30 anos do falecimento de Lélia Gonzalez, o Projeto Memória resgata a vida e a obra da escritora e ativista em uma série de atividades itinerantes. A iniciativa começou em maio, em Salvador. Já passou por Belo Horizonte, São Luís, Brasília e estreia hoje no Rio de Janeiro. Seguindo por mais duas capitais brasileiras, com exposições e seminários que refletem sobre a luta antirracista e antissexista, e vai até agosto de 2025. Essa iniciativa é uma realização da Associação Amigos do Cinema e da Cultura em parceria com a Fundação Banco do Brasil e apoio do Centro Cultural Banco do Brasil. A Fundação Banco do Brasil, instituída em 1985 pelo Banco do Brasil, tem em sua nova estratégia



o propósito de promover caminhos para a transformação social e a relação sustentável com a natureza.

A realização do projeto em homenagem à Lélia remete aos princípios do respeito cultural e ao valor da diversidade. E a temática trabalhada na obra de Lélia abrange questões essenciais a grupos integrantes dos públicos priorizados pela Fundação BB.

Antes de iniciarmos os diálogos, queremos agradecer à Secretaria de Educação do Rio de Janeiro, ao Instituto Memorial Lélia Gonzalez, à Fundação Banco do Brasil, ao Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro e ao Governo Federal do Brasil: União e Reconstrução, pelo apoio a realização das atividades do Projeto Memória no Rio de Janeiro.

Nesse momento, né, com muita honra, com muita alegria, que convidamos neste momento para uma breve fala o filho da nossa homenageada Lélia Gonzalez, o Sr. Rubens Rufino.

Rubens Rufino: Boa noite, gente. é uma alegria voltar a minha cidade, né? O meu berço é Rio de Janeiro, a minha raiz é Rio de Janeiro. Como dizia minha mãe, ela era mineira de BH, mas adotou o Rio como cidade sua, como cidade natal, com o espírito carioca e com muito orgulho de ser do Rio de Janeiro.

Daqui a pouco vocês vão ter aqui diante de vocês pessoas que conhecem a Lélia Gonzalez, a Lélia ativista, a Lélia cientista social e tal. E eu conheço a Lélia mãe, conheço a Lélia avó, conheço a Lélia de Almeida. E eu só posso falar dela, né?

Eu não tenho cabedal pra falar de Lélia Gonzalez, eu posso falar de Lélia de Almeida. Que foi mãezona, gente. Muito rígida, mas de uma ternura absurda.

Pra vocês terem ideia, - eu não sou pequeno -, mas ela me chamava de “filhote” desde que eu era criança, eu fiquei desse tamanho ela continuou me chamando de “filhote”.

Eu até me lembro de uma passagem a gente ficou de almoçar na PUC e eu fui encontrar com ela e passei na sala de aula dela

pra buscá-la. E ela tinha espalhado pros alunos que ela iria almoçar com o “filhote” dela.

Aí o “filhote” sou eu, chegou esse negão lá. “Ô Lélia, que “filhote” é esse que você tem?”. Todo mundo pensando que ia chegar um garotinho de 15, 14, 15 anos, adolescente.

Não. Eu tava casado, já tinha Melina e Marcelo. Mas uma coisa muito importante que houve nessa relação que a gente teve, que transcendeu a coisa de ser mãe e filho, nós fomos amigos. Ela me preparou para assumir a minha negritude.

E nesse ano de 2025, no sábado, dia 1º de fevereiro, ela completou 90 anos. E foi uma coisa muito importante, porque eu vejo que algumas pessoas falam que ela... que ela partiu cedo. Não. Acho que todos nós quando viemos pra cá, a gente tem uma missão e tem algo a fazer. E ela fez, ela cumpriu a missão dela de forma extremamente adequada, de forma muito boa caminho que ela tinha que ter, que foi traçado para ela. Então assim, eu não posso dizer, saudade eu sinto, mas eu não sinto falta dela, porque ela continua existindo dentro de mim.

E isso é legal, que eu vejo o meu filho, a minha filha e minha netinha de quatro anos falar que quando ela tá triste, porque ela sente falta da vó Lélia. Então, gente, curtam bastante. Lélia tenho certeza vai inspirar vocês a continuar nessa luta pelo... contra o racismo, contra o sexismo. . E o que é mais importante, a gente atingir as crianças e aos jovens, que são eles que podem fazer as mudanças que nós pretendemos, que nós queremos pra uma sociedade mais justa. Eles que podem construir um país melhor de se viver. Lélia Gonzalez vive.



Christiane Lima (Mestre de Cerimônia) Nesse momento, né, vamos convidar os representantes institucionais da noite. Convido a representante da Associação Amigos do Cinema e da Cultura, Sra. Leda Freitas, para uma breve fala. Sra. Leda, seja bem-vinda.



FALAS INSTITUCIONAIS

Leda Freitas: Boa noite a todas as pessoas aqui presentes. Eu gostaria de começar cumprimentando a família da Lélia, o filho Rubens, a neta Melina e também o neto aqui, o Marcelo. Muito obrigada por vocês estarem aqui conosco e nos ajudando nesse momento.

Eu gostaria de cumprimentar também a Fundação Banco do Brasil por essa parceria com a nossa Associação Amigos do Cinema e da Cultura, na realização do projeto Lélia Gonzalez Gonzalez: Caminhos e reflexões antirracistas e antissexistas.

Minha saudação a essas lindas mulheres que daqui a pouco vão falar aqui pra nós. Cumprimento a todas na pessoa da professora Jurema Batista, que nos emociona nesse projeto.

Vi você, assisti o documentário lá em Brasília, então é uma satisfação tê-la aqui presente aqui no Rio de Janeiro. Eu queria rapidamente falar, dizer que o documentário é dirigido pelo Nilson Rodrigues. Então eu peço aplausos pro Nilson.

O Nilson é diretor, produtor e roteirista. Tá lá com a gente no DF nessa Associação, construindo cultura, construindo várias frentes, disputando sentidos, outros sentidos pra esse Brasil, com todas as dificuldades.

Rapidamente, a nossa associação existe desde 2007, desenvolve projetos culturais, educacionais e de formação no campo do audiovisual e de outros segmentos da arte.

Eu gostaria de destacar rapidamente a Escola no Cinema, em Brasília, que a gente leva estudantes das escolas públicas para o cinema. Das quebradas, das periferias. Muitos nunca foram a um cinema. Outro grande projeto Associação é o Diálogos Contemporâneo, que alguns de vocês devem ter conhecido, já passou por Brasília, Campo Grande, Porto Alegre, Curitiba, Maceió e outras cidades.

Realiza também o Festival da Juventude, em Campo Grande, um belíssimo festival que envolve escritores, artistas e princi-

palmente os atores principais da juventude, além do Festival de Cinema Sul-Americano, de Bonito.

Então essa é a história da AACIC, da nossa Associação... Associação Amigos do Cinema e da Cultura. E estamos aqui muito felizes em estar participando, em realizar esse projeto junto com a Fundação Banco do Brasil.

Pra nós, é uma honra esse projeto, porque traz o legado da pensadora e militante Lélia Gonzalez. Nós entendemos que o resgate, a preservação e a multiplicação do pensamento de Lélia, é imprescindível para continuarmos a enfrentar o racismo e promover a igualdade racial.

Lélia, como uma das grandes intérpretes do Brasil, uma mulher negra, que tem toda uma história de interpretar esse país. Autora, né? Que sempre defendeu a articulação entre as relações raciais, as relações de gênero e as relações de classe, para compreender o capitalismo dependente desse país, construído a partir da colonização portuguesa, que matou povos indígenas, que expropriou recursos naturais e produziu a tragédia da escravidão.

Portanto, pra nós da associação, o legado de Lélia nos provoca a pensar e agir sob um olhar contra colonial, que efetivamente possa fazer com que o nosso país supere as desigualdades de renda, raça e gênero. Vocês devem ter visto agora recentemente em Davos, o relatório de desigualdade no mundo e tem lá uma parte do Brasil. E a gente vê os bilionários mandando no mundo, essa extrema concentração de renda e a gente sabe pra quem chega a pobreza, pra quem chega todas as discriminações. Então bom seminário, viva a Lélia e viva a resistência das mulheres negras no Brasil.

Christiane Lima (Mestre de Cerimônia) Muito obrigada, Sra. Leda Freitas. Agora chamamos ao palco a gerente geral do Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro, a Sra. Sueli Voltarelli.



Sueli Voltarelli: Olá. Boa noite. Eu quero dizer que é uma honra muito grande pro Centro Cultural Banco do Brasil por receber esse evento aqui. E também é uma honra pro Banco do Brasil e pra Fundação Banco do Brasil contribuir pra que isso se realize.

Eu cumprimento a família de Lélia, muito obrigada por estarem aqui no CCBB e muito obrigada por possibilitarem que o trabalho de Lélia, as ideias e a sua visão de mundo e a sua visão de resistência seja compartilhado cada vez mais. E nós nos sentimos felizes de poder contribuir pra que isso aconteça acolhendo esse evento e patrocinando esse seminário e essa exposição. Quero também cumprimentar as palestrantes, muito obrigada pela presença de vocês.

O CCBB se sente honrado em poder oferecer palco pra que essas ideias sejam discutidas e que se possa refletir mais e combater as injustiças que vivemos no Brasil provocadas pelo racismo e o sexismo..

E também agradeço a todas as pessoas que estão aqui hoje participando desse evento.

O grande interesse por esse evento demonstra que isso é um tema que ainda precisa muito ser debatido. É preciso que se dê muita visibilidade pra isso. Nós temos um pouco essa missão, contribuir pra que se expanda as discussões, pra que se reflita cada vez mais e se combata cada vez mais as grandes injustiças da nossa sociedade.

Não só da sociedade brasileira, mas do mundo de forma geral. É a colega falou aqui agora sobre a questão a grande concentração de renda e isso é uma realidade mundial.

E o planeta cada vez é menor e cada vez menos pessoas controlam, esse planeta. Isso é uma coisa muito séria e muito importante aí que precisa ser debatida e combatida e que precisa de muita reflexão.

Que Lélia nos sirva de exemplo de combate e que possamos nos inspirar realmente nela pra que lutemos pra uma sociedade mais justa. Eu agradeço todas as pessoas aqui presentes,



espero que todos possam aproveitar muito esse seminário, a exposição.. Muito obrigada... é... pela presença de vocês, é uma honra recebermos este evento aqui no CCBB. Muito obrigada.



Christiane Lima (Mestre de Cerimônia) Muito obrigada. Agora, dando continuidade a essa noite de hoje quero também informar que além dos seminários, o Projeto Memória apresenta uma exposição com 18 painéis históricos que registram a vida e a obra da escritora. A mostra ficará aberta a visitação do público até sete de abril, no local do cinema dois, que é no 1º andar aqui desse centro cultural. E também teremos a exposição, com visitação de alunos ao longo do período, com a disponibilização de transporte gratuito para conhecer a trajetória da intelectual.

Nesta primeira noite de seminário temos a honra de contar com a presença de professoras, ativistas e pesquisadoras sobre o pensamento e as contribuições de Lélia a partir de suas análises sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo na sociedade brasileira. A temática do painel um é intitulada: “A influência de Lélia Gonzalez na luta antirracista e antissexista”. Com isso, gostaríamos de convidar ao palco desta noite, ela, que é coordenadora de articulação interfederativa do Ministério da Igualdade Racial, diretora de cultura e educação do Instituto Memorial Lélia Gonzalez e neta orgulhosa da homenagem. Recebam com aplausos nossa mediadora da noite, Melina de Lima.

Nossa primeira palestrante é funcionária do Banco do Brasil, especialista em finanças. Integra o BB Black Power, o coletivo Maria Firmina e movimentos negros, com o foco no empreendedorismo de mulheres pretas. Recebam com aplausos, Patrícia Marins.

A próxima palestrante, ativista de direitos humanos e assistente social da UFRJ, cofundadora e coordenadora geral de Criola, organização de mulheres negras. Foi premiada com a medalha Pedro Ernesto, em 2023, o prêmio Inspiradoras, Justiça para

mulheres, em 2023, e com a medalha Chico Mendes de Resistência, em 2019, e prêmio Maria do Espírito Santo Silva, em 2000 e... 2018. Recebam com aplauso Elizabeth Viana.

Nossa próxima convidada e palestrante da noite é professora, formada em Português, Literatura, com especialização em Políticas Públicas pela UFRJ. Foi eleita por três vezes vereadora, além de ter sido a primeira deputada estadual negra do Rio de Janeiro. Defensora dos Direitos Humanos, sempre lutou em defesa das populações desfavorecidas, trabalho este que atravessou fronteiras, sendo reconhecida pela ONU, com indicação ao Prêmio Nobel da Paz em 2005. Nossa maravilhosa e querida Jurema Batista.

Para este momento eu passo a condução desse seminário para mediadora Melina.

FALAS DO SEMINÁRIO



Melina de Lima (Mediadora): Boa noite. Boa noite a todas, todos e todes. É... primeiro começar falando que quem não tá entendendo, eu serei a mediadora de amanhã, mas eu também estou sendo orgulhosamente também a de hoje.

É sempre um orgulho desse projeto que é tão importante. Esse projeto que, primeiro, foi como eu descobri... é... foi a primeira vez que eu li Lélia, que eu me inteirei de toda a sua teoria, foi a primeira vez que eu tive que ter coragem de fazer isso. Eu agradeço a Schuma, da REDEH, que... né, que fez esse convite, que fez acontecer o primeiro Projeto Memória, que tá aqui presente, sempre presente em tudo que a gente faz.

Também reiterar que a gente da família tem muito orgulho de tá sempre presente em tudo que diz respeito à Lélia Gonzalez, né? Mantendo a sua memória e o seu legado vivo, respeitado.

A gente trabalha nessa missão grande de democratizar a Lélia

e de dar acesso à Lélia, como eu digo, botar a Lélia na boca do povo, né?

É uma missão que a gente faz com muito orgulho, né, com muita sabedoria, né? Com a criação do Instituto Memorial Lélia Gonzalez, que era inclusive um sonho dela, Lélia, né? Que a gente, da família, tocasse esse legado e assim tá sendo feito. Então mais uma vez quero agradecer o convite da AACIC, da Fundação Banco do Brasil, né? Que tão organizando essa ação. Agradecer ao Instituto Memorial, aos nossos colaboradores que estão aqui presentes, Augusto e Vinicius também, que também tão nessa batalha com a gente sempre pra manter, né, esse... todas essas ações, né, muito bem conduzidas, né, e muito bem elaboradas e produzidas. É... o tema de hoje é... é o tema que fala sobre a influência de Lélia, né, nas ações antirracistas e antissexistas,

Então é muito especial a gente tá aqui hoje, agradecer a presença de todo mundo. E... pra começar, então, eu vou passar a palavra pra nossa querida e ovacionada sempre, Jurema Batista.



Jurema Batista: Boa noite, gente..Eu quero aqui falar da minha amada, querida, absoluta, Lélia Gonzalez. E quero agradecer sempre essa família, né? Que a gente agora acabou sendo todo mundo da mesma família, porque a gente é...

Esse ano que passou a gente teve junto o ano inteiro. Antes disso, a gente teve juntos... é... quando Lélia nos ganhou para a questão da promoção da igualdade racial, porque antes era só combate ao racismo,

Eu quero a minha história, falar do impacto que a Lélia teve na minha vida, mas não só na minha vida, na vida de muitos alunos.

Tipo assim, eu me lembro que eu fazia faculdade, estudava com ela e depois eu era chamada pra dar aula em quase todas as escolas, principalmente 2º grau, Pedro II, ne? E no Instituto de Educação.

A gente ia replicando o que ia aprendendo com Lélia, né? Porque, quando eu conheci Lélia, eu não sabia o que que era racismo.

A primeira vez que eu a vi falando na universidade, eu achei que ela tava falando de uma coisa que era nos Estados Unidos. Eu não tinha noção, eu bebi da tal da cultura da democracia racial. Eu era a neguinha nascida lá no final do Morro do Andaraí. O lugar mais pobre. Inclusive depois no movimento eu aprendi isso, né? Que quanto mais pobre a comunidade.... é lá que moram os negros, né?

A comunidade é estratificada, embaixo moram os mais claros, depois lá no final mora a negra. E era exatamente lá que eu morava, né?

Mas era toda boba, na minha casa não tinha televisão e não tinha rádio, eu só ouvia a Voz do Brasil num radinho de pilha, por causa da Ditadura Militar. A gente não tinha acesso a informação. Mesmo quem tinha televisão naquela época - e a gente não tinha - não sabiam de nada, por causa da censura da Ditadura. Eu nem sabia que tinha Ditadura Militar no país, gente. Nem sabia de nada disso, até que apareceu Lélia na minha vida.

Quando eu conheço Lélia na universidade falando sobre racismo, que eu levei aquele susto, aquela mulher preta falando de racismo. E ela tinha o cabelo vermelho.

Eu falei, mas como é que ela fala de racismo de cabelo vermelho? E eu usava uma peruca, né? Foi essa peruca que me levou lá no debate. O meu amigo, assessor, o Hermógenes, me chamou pro debate e eu não queria ir. Eu falei: "Vou nada. Vocês tão inventando moda aqui no Brasil, que negócio de racismo vocês tão inventando? Isso é lá nos Estados Unidos, aqui não tem não. E na África do Sul!

Nós não, aqui todo mundo é o que quer ser". Bebi bonito, né gente? Bebi até o último gole de democracia racial. Lélia começou a falar, falar, falar e eu fui fazendo assim, pra trás. Mas antes teve um negócio, pra ir no debate da Lélia... Não adianta, gente, eu tenho que falar isso. Tenho um amigo, que era estudante e depois tornou meu assessor, foi assassinado, ele falou o seguinte: "Se vo... você não vai no debate não?". Eu falei: "Eu

não vou, eu não quero saber disso”. “Você vai sim. Daqui a 12 minutos eu vou voltar aqui pra te chamar”. Ele voltou. Aí eu falei: “Eu não vou”. Ele falou: “Se você não for, eu vou arrancar a tua peruca”. E agora, o que que eu faço? Pagar um mico desse..... Aí eu falei: “Ih, não tem jeito não, eu vou ter que ir”. Eu fui com ele, reclamando daqueles corredores imensos. Reclamando: “Não sei por que fazer isso comigo, não sei o quê, isso é um abuso, não sei o que lá. Eu não sabia muito das coisas não, mas eu tava falando com ele. “Eu... é... eu não sou obrigada a ver nada disso, eu não quero ver isso”.

Aí quando eu cheguei lá e como eu tava de peruca eu impliquei com... com o cabelo dela, Lélia, que era vermelho, né?

Aí eu falei: “O que que essa mulher tá falando, gente?”. Eu nunca tinha ouvido falar daquilo, gente. Eu nunca tinha ouvido falar de racismo, eu nunca tinha ouvido falar de que existia uma coisa no Brasil que nos separava e que tinha a ver com escravidão.

É sério: foi a primeira vez que eu a vi falar e é isso que eu falo ali no filme. Nesse tempo não tinha Facebook, nem Instagram, eu passei a segui-la de pé, pegava o ônibus. Eu lia lá: “Lélia está hoje no IPCN”, né? Sempre saía o informe no JB: “Lélia hoje tá não sei onde”. Eu ia. Onde Lélia ia, eu comecei a seguir aonde ela ia. Alguma coisa me tocou, né? Eu não sei o que aconteceu não, eu só sei que foi no mundo espiritual, que ela me viu... Mas não só a mim mas ela me grudou de um jeito assim, sabe? De uma forma que ela não desgrudou mais de mim. E eu fiquei, né, às vezes não entendia muito, mas ela me falava um monte de coisa e eu contestava, mas às vezes quem... quem era eu pra contestar Lélia Gonzalez, né? É... e ela não tinha isso, ela era supersimples, era aberta mesmo, era uma pessoa aberta. E aí eu fui começar a andar com Lélia, né? Nesse andar com Lélia eu fui aprendendo tudo.

Gente, nesse processo eu fiquei tão indignada. Porque eu descobri que eu fui enganada a vida inteira, porque eu vivia numa sociedade que tinha democracia racial, que eu vivia numa sociedade que todo mundo tinha direitos iguais.

Não era nada disso, Lélia me explicou que não era bem assim

que a banda tocava, aí eu fiquei muito indignada. Qual foi a indignação?

Eu falei: “Mas me enganaram a vida inteira, disseram que todo mundo podi tudo e não sei o que lá. Olha onde eu moro, no último barraco da favela. Olha onde eu moro, não tem luz. A Lélia tem razão”. O lugar... o pior lugar escolhido pra nós viver na favela. E aí... eu virei outra pessoa, eu virei no Jiraiya.

Foi, gente. Eu fiquei tão braba, mas tão braba, que eu queria prender polícia e consegui. Eu queria fazer tanta coisa, eu queria que as mulheres na favela que apanhavam abandonassem o marido. Eu queria tudo, eu queria tudo, eu passei a militar em tudo.

Eu militava no Movimento de Favelas, no Movimento de Mulheres, no Movimento Negro, no IPCN, no MNU e em tudo que Lélia me levava. Ainda ajudei a construir o Nzinga Coletivo de Mulheres Negras. E Lélia, tinha uma forma de sedução que era assim, né?

Eu tinha acabado de dar a luz a minha filha mais nova, que se chama Nianuí, e ela, Lélia, queria criar o Nzinga Coletivo de Mulheres Negras e eu tava de resguardo. Tipo, assim, com 20 dias, toda costurada, era parto normal.

Aí eu falei: “Mas Lélia, eu não consigo não. Eu acabei de ter nenê”.

Ela: “Eu sei. Mas você tem que vir aqui hoje”. Eu falei: “Mas como é que eu vou aí?”.

É... nessa época não tinha Uber, não tinha nada, né? É. Tinha táxi, mas eu não podia, né?

Aí ela falou: “Mas você tem que vir aqui em Santa Tereza, a Luiza Bairros tá aqui e a gente vai fundar uma instituição e você não pode deixar de assinar”.

Eu falei: “Ah, tudo bem”. Aí eu fui, né? Subi no bondinho de Santa Tereza toda assim, com medo de arrebentar os pontos..

Cheguei na casa de Lélia tava a Luiza, um bate papo bom, né?

Assinei lá o documento e fui embora para casa.

Por que que ela queria que eu assinasse esse documento? Lélia era uma pessoa democrática, ela não queria que fosse só pra ela. Eu tinha que assinar isso? Haveria o segundo encontro feminista latino-americano e do Caribe, e ela queria que eu fosse representar o Nzinga.

E ela já tava articulando, não foi por acaso, não tem por acaso não, tá? O negócio o seguinte: tem articulação mesmo. Ela tinha articulado com a galera, pra que eu fosse a indicada do Nzinga pra fazer parte desse encontro latino-americano e feminista.

Aí eu fui, tirei um retrato, pra fazer o passaporte. Era a cara da minha filha Dandara, eu me achava horrorosa, me achava feia, sabe? Como é que pode? Hoje eu vejo a cara dela e minha... é... eram iguaizinhas: Cara, crachá. Cara, crachá. Né, Dandinha?

Eu tô falando isso tudo, gente, porque que isso tudo eu aprendi com Lélia Gonzalez, tá? Não levar desaforo pra casa, tá? Eu sou negra, eu sou gente, eu tenho direito, mereço respeito. Por isso que eu inventei o tal “respeito e amor a gente gosta”, né? Porque ela falava tanto de respeito comigo, que foi o meu slogan de campanha: “Respeito e amor, a gente gosta”, né? E é assim, eu vivi a vida, eu mudei de vida. Da menina lá do Morro do Andaraí para Jurema, me tornei Jurema Batista.

Um dia um policial prendeu um negro que tava sem documento carregando caixa de cerveja na comunidade, e aí eu falei: “Mas por que que vai prender o rapaz?”. “Ele tá... ele tá sem documento”. “Mas todo mundo conhece aqui o seu Antônio”. “Não”. É... aí eu arrumei uma briga com o cara, o cara me prendeu também por desacato a autoridade. Aí me levou pra rodar na Tijuca, a gente tava na... na 20ª DP, era ali perto do Maracanã... do... o 20º era perto de Vila Isabel.

Só que aí ele resolveu dar uma volta comigo pela Tijuca, pra me dar terror mesmo, né? Aí me levou pra andar, quando ele voltou e chegamos em frente à 20ª DP, o Morro do Andaraí tinha descido todo. Aí começaram a gritar: “Libertem a Jurema! Libertem”.

Eu: “O que é isso? “Libertem a Jurema!”.

Aí eu entrei lá, eu falei: “O que que é? Qual é o problema? Tavam fazendo maldade com uma pessoa”. “Com uma pessoa que é trabalhadora, que carrega caixa o dia inteiro na comunidade. Por que vocês o prenderam? Vocês queriam era outra coisa....

O Policial falou: Há... é... Vamos ver a sua a ficha corrida e a dele”.

Falei: “Ficha corrida, não. Eu tenho é currículo. Vocês parem de graça!

Ele: “É. A negra estuda mesmo”. Eu falei: “Estudo muito”. E fui embora muito braba, né? Então eu acho que quando eu tive esse contato com a discriminação racial, eu dei uma surtada. Foi... mas valeu a pena, senão a Jurema Batista não tava aqui. Porque podia ter acontecido outra coisa pior, né? Eu podia ter surtado mesmo. Eu só dei uma surtadinha de leve, entendeu?

Estou dizendo tudo isso para reafirmar que quando uma pessoa tem compromisso, quando uma pessoa decide fazer uma história, ela faz.

E foi isso que Lélia Gonzalez fez. Tem Juremas, tem as Beths, tem outras mulheres que eu não vou falar o nome de todas, nós fomos construídas da barriga de Lélia, do coração de Lélia, pra fazer a diferença.

Vamos sair daqui, nos organizar e vamos lá na secretaria. Hoje eu não sei se a educação do estado ou do município, tem que ver depois o que vai ser melhor. Talvez, nas duas. `Então é isso, gente. Eu tô muito feliz de tá nessa mesa, no sentido não da partida de Lélia, mas no que ela fez comigo, de me fazer de mim uma nova pessoa. Uma nova não, uma pessoa, porque até então eu era um negócio. Naquela época eu usava peruca pra esconder o meu cabelo, que todo mundo dizia que o cabelo de preto era cabelo ruim, né? Aí depois eu descobri, não, o meu cabelo não é nada ruim não. Ólha, eu teimei meu cabelo é uma coisa, que tá comigo até hoje. Não tenho caspa, não tenho seborreia, não tenho pio-lho. É. O meu cabelo é bom. Ou não é? Beijo.



Melina de Lima (Mediadora): Muito obrigada, Jurema. Bom, vamos lá. É... a gente hoje tá aqui, né, tendo essas experiências incríveis nesse seminário, De falar, De ouvir pessoas que conviveram com Lélia, né? Como Jurema e Beth. Mas também de pessoas que certamente são influenciadas por Lélia, né? Como a Patrícia Marins, inclusive que faz parte, né, do BB Black, né? Essa articulação importante, de funcionários e servidores do Banco do Brasil, que também influenciaram o retorno desse projeto, né? Na nossa reunião, que foi eu e o meu pai, né, lá na Fundação falar com o Kleytton, o presidente. É... o BB Black tava presente, e que deu esse reforço também, na retomada desse tão importante Projeto Memória, né? Que foi um grande sucesso na primeira versão, né, do Projeto Memória Lélia Gonzalez. E agora nessa retomada a gente... é sempre tudo lotado, né?

Eu passo agora a palavra pra querida Patrícia Marins, pra falar um pouquinho também sobre essa influência de Lélia Gonzalez na vida e na luta, de nós, mulheres negras, e de nós, negros e negras, desse país.



Patrícia Marins: Boa noite, gente. Eu sou a Patrícia Marins. E antes de ser funcionária do Banco do Brasil, eu sou filha da dona Edna Marins, que vai completar 76 anos agora, quarta-feira. E sou nascida e criada em São Gonçalo, mais especificamente no Jardim Catarina.

Eu sou cria do Jardim Catarina, assim como a Nina Silva. Não sou tão famosa quanto ela, mas nós viemos do mesmo lugar. E embora eu não tenha conhecido Lélia Gonzalez, quer dizer, eu não tenha conhecido a Lélia Gonzalez pessoalmente, né?

Eu sou da área de exatas, eu sou formada em Matemática. E eu sou uma pessoa que tive uma jornada de educação, né, como professora de Matemática e Física e depois eu entrei no banco na área financeira. Aí, comecei a estudar sobre finanças, mas de um ponto que me afetava, que é o de ser uma mulher preta dentro de uma instituição financeira, como o Banco do Brasil, né? E de ser uma mulher preta que lida com finanças, com dinheiro.

E aí a partir desse ponto foi que eu comecei a me debruçar na obra da Lélia. É... ano passado, quando teve o Prêmio Nobel de economia, eu falei que esse prêmio deveria ser dela, porque o que ela fala de finanças decoloniais nos seus estudos é bem anterior ao que os estudiosos fizeram e só comprova o que Lélia falava.

O dinheiro é que manda no mundo. E como a gente, pessoa preta, mulher preta é colocada nesse mundo e qual é a nossa relação com o dinheiro?. Então eu passei a estudar a Lélia, eu passei a me debruçar na obra da Lélia a partir desse ponto, né?

Eu tava vendo um dos documentários dela, onde ela fala da história e tem uma história muito parecida, inclusive, porque eu também sou casada com um homem branco, né?

E ela fala que ele brigou com a família pra ficar do lado dela e foi ali que ela começou a se identificar também como mulher preta, né? Porque ele cobrava isso dela e falava: "Você tem que se colocar, você tem que ter postura e você tem que colocar as suas vontades e as suas falas no lugar. E eu venho um pouco desse lugar também, né? Por ser casada com um homem branco. Que ele não brigou com a sua família propriamente, mas nós temos uma relação de 35 anos e... vocês imaginem há 35 anos atrás, dois adolescentes de 16, 17 anos, andando de mão dadas no shopping ou numa biblioteca indo estudar, porque na nossa época a gente frequentava muito biblioteca pra estudar. Isso também foi um pouco revolucionário, né? Andar de cabeça erguida com de mãos dadas e enfrentar os olhares das pessoas, que ainda são críticos até hoje, vocês imaginam há 35 anos atrás.

E aí. nessa luta de mulher preta, eu não cheguei a ser presa, ainda não perdi o meu réu primário, como a Jurema, mas já fui parar na delegacia também. Porque eu era aquela pessoa que brigava pelos meus direitos e que fazia com que as coisas corretas acontecessem, né?

A minha mãe é doméstica até hoje e ela limpou muito chão pra que eu estivesse aqui hoje, né? Infelizmente ela não pôde tá

presente, será que a gente precisa levar isso a frente? Qual é a prosperidade que a gente vai ter lavando banheiro, né?

Essa nossa luta feminista também precisa inserir o dinheiro, precisa inserir esse mundo capitalista, pra que a gente possa dar um passo. Porque assim como a política, o dinheiro manda no mundo. E a gente precisa dominar esse dinheiro, né?

E aí quando eu falo de um lugar que eu represento o Banco do Brasil, eu sou do Banco do Brasil, mas eu também entendo que dentro da instituição, o banco tem uma responsabilidade social de estar presente, né?

A gente ajudou a construir esse país, então a gente precisa trazer esse ensinamento, que eu sei que às vezes é difícil a gente falar assim: “Eu não vejo dessa forma a obra de Lélia”.

Mas quando a gente começa a pensar financeiramente, a gente começa a perceber, porque as mulheres pretas infelizmente ainda estão onde, na base da pirâmide, né?

E como a gente vai sair dessa base da pirâmide? Com estudo, mas também dominando esse mundo capitalista que a gente vive através das finanças. Sabendo lidar com dinheiro e sabendo lidar com essa propriedade, pra que a gente possa crescer.

Então...infelizmente, eu não pude conhecê-la pessoalmente, né? Mas a família, é um prazer estar próximo de vocês e conhecer. Eu tenho certeza de que onde ela estiver, ela está olhando pela gente e tá muito orgulhosa de todo esse trabalho que todo esse legado que ela deixou, né? De toda essa construção. Estar aqui ao lado da Jurema, estar aqui ao lado da Beth, é uma coisa que, me ensina... estimula o meu pensamento, isso poderia ser inimaginável alguns anos atrás. Mas como que a gente chegou aqui? Através do estudo, né? Através dos ensinamentos, buscando e nos debruçando e bebendo. Eu falo que eu bebo. E eu bebo nas águas de Lélia Gonzalez e eu acho que se todo mundo fizesse isso, a gente teria um mundo muito melhor. É isso.



Melina de Lima (Mediadora): É exatamente isso, né, que a Patrícia falou, inclusive em relação a esses espaços, né? De a gente ocupar esses espaços, né? Se movimentar, né? Sair do dito lugar de negro, né?

É... de fato, a vó Lélia realmente acreditava nisso e é importante a gente ver esses frutos, né, essas sementes aí semeadas. Eu também queria agradecer a presença de todo mundo que tá aqui mais uma vez.. Obrigada pela presença de todos. E eu passo agora a palavra pra querida, também, carismática, Beth Viana.



Elizabeth Viana: Eu vou sentar, mas antes eu queria saudar os orixás, a minha ancestralidade, que aqui estão.. Que também é de Rosângela, Eliana, Elenimar e Cristiano, Roberval e Osvaldo, que não estão presentes. É ancestralidade de todos nós, para saudarmos uma ancestral, uma grande ancestral. Que hoje é uma ancestral de todos nós, Lélia Gonzalez.

Eu não gosto de ler, mas eu queria responder umas perguntas: o que eu estou mesmo fazendo nessas homenagens, nesses escritos, nos debates de Lélia Gonzalez, sobre Lélia... de Lélia, sobre Lélia Gonzalez?.

Então eu digo assim: “Neste evento conversaremos ou debateremos... sobre o legado desta pensadora, numa data simbólica, seus 90 anos. Na data de seu aniversário, 01/02, sábado passado, foi celebrado no Museu Histórico Afro-brasileiro o evento “Lélia 90”, pelo Instituto Memorial Lélia Gonzalez, pelos Almeidas, é assim que eu tenho me referido a essa família, tinha muitos sobrinhos de Lélia, muitos parentes, isto é, sua descendência. Amigos e admiradores do passado e do presente.

Temos notícia de vários eventos que exaltarão sua vida, sua formação, seus atos, seus dilemas, ideias e pensamentos, que orientaram sua escolha em combater a tripla opressão. Ou seja, de classe, de raça e de sexo. E as últimas, no caso raça e sexo, foram a essência do seu legado.

Mas não tem sentido omitir a primeira opressão, ou seja, de classe. Algo que ela não fez, mas se tem realizado... Hoje, essa omissão tem se realizado em questões teóricas, metodológica, política ou ideológica. Por isso que não se fala nesse e em todos os eventos aí sobre Lélia, dela omitir a questão de classe. A crítica ao capitalismo é pertinente, haja visto que Lélia Gonzalez doravante, após uma profunda reflexão frente às teorias do seu tempo afirma que o discurso de exclusão tem sido após a abolição da escravidão, perpetrado, e reinterpretado em favor dos interesses do capitalismo e daqueles que se beneficiam dos bens materiais e imateriais na sociedade brasileira, legando aos não brancos uma determina posição.

“No Brasil, uma sociedade independente periférica, o lugar de negro é onde a maioria busca refúgio em serviço puros, trabalhos ocasionais, ocupação intermitente e trabalho por temporada.

Lélia também considera como lugar de refúgio aqueles de ocupação formal, os serventes dos supermercados, das escolas, dos hospitais, que estão lá para servir a outros. Uma existência que tornava a vida desses homens e mulheres realmente pretas na sociedade brasileira”.

Nos meados dos anos 60, alcança uma formação intelectual invejável e desenvolve o seu ofício como professora do Ensino Médio e universitário. Nesse contexto, a jovem professora teve que enfrentar o desafio posto por seu colega de curso de Filosofia e posteriormente marido, Luiz Carlos Gonzalez, e de sua família racista.

Destacamos que o contexto histórico do pós Segunda Guerra Mundial, especificamente metade dos anos 50 em diante, o desenvolvimento, nesse período, nos anos 50, havia, todo mundo sabe, os anos JK.. “O desenvolvimento industrial, cultural, social e político estava constantemente tensionado, porque estava se falando de terra, de educação.

E Lélia via a si mesmo nesse período como uma lady embranquecida, que desconhecia e classificava, hierarquizava, as heranças africanas dos povos originais e dos afrobrasileiros que compõem a base e a maioria do povo brasileiro.

Porém, não menos importante, devemos dizer que fala de si... falar de si e omite que era uma pessoa solidária, amorosa, empática. Várias testemunhas, como eu encontrei nas minhas pesquisas para a minha dissertação, confidenciavam e agradeciam vários favores de sua parte”. Como, por exemplo, alimentação, livros, aula em sua residência sem pagamento, estadias.

Não adianta vim branco nenhum dizendo como é que a gente combate o racismo e o sexismo, nem a luta de classe, que a gente sabe muito bem. Por isso sobrevivemos.

Com essas e outras compreensão, descubra lendo Lélia, que vai surgindo a neguinha atrevida. Não há quem não compreenda a elaboração de Lélia sobre o lugar de negro, outra importante contribuição complexa e pioneira, que faz da articulação entre raça, classe e sexo, perfeitamente compreensível. Que não existe problema do negro e, sim, de toda a sociedade.

Esse era o objetivo de Lélia e do movimento negro. Apresentamos agora essa reflexão de Lélia sobre aquele que ocupa a base da hierarquia social, por ser mulher e negra, sujeita a opressão sexual e racial. Ela postula que: “As condições materiais existente da população negra remetem à condicionamentos psicológicos que devem ser atacados e desmascarados. Elas não são um acaso, são historicamente construídas. Simbolicamente o racismo e o sexismo determina que o lugar da mulher negra é servir. O olhar sobre seu contexto social constata que são as empregada doméstica e as mulatas de exportação, mas no passado colonial era a mucama e a mãe... a mãe preta no serviço doméstico da casa branca. A primeira servia sexualmente aos senhores e seus filhos, a segunda educava e amamentava os filhos da sinhazinha. A mãe preta, pelo seu papel fundamental de amamentar, acalantar e educar, africanizou a cultura nacional.

Além do que, nossa língua, segundo Lélia, é o “pretoguês”, uma marca linguística da inexistência do L em idioma africano. Com tais assertivas, ela pôde determinar que o racismo se constitui como uma sintomática que caracteriza a neurose da cultura brasileira.

Com toda a certeza nesse evento, como também no decorrer dele, saberemos mais e pode até nos contradizer melhor ainda já que avança o pensamento de Lélia. Quanto mais nos aproximamos de nossa protagonista e dos membros do movimento negro e de mulheres negras, mais poderemos compreender minha e ampliar suas ideias e ação política.

Para Lélia, não existia dicotomia entre ciência e ação política. Afinal, para que serve o conhecimento? Por essas e outras, sua determinação de situação bem como da sua origem.

E qual seria? A de uma mulher negra que falava com todas as implicações e significado que o papel militante carrega, aquele de que guerreia por uma causa. Chama atenção que os conceitos e os termos a qual eu me referi como ideologia, mito, povo... povo brasileiro, Mulher negra, negro e outros, podem ser muito bem compreendidos nos textos de Lélia e na literatura produzida pelos movimentos negros, de mulheres negras. Eles são seus autores em diálogo ou observação com outros ativistas também colonizados nas Américas e na África. Lélia foi protagonista de seu tempo, uma militante intelectual entre as décadas de 1960 e 1970 ao revelar que o Brasil é um país racista e sexista. Combateu e denunciou o mito da democracia racial, que segundo ela é um modo de representação que encobre a trágica realidade do negro no Brasil”.

A gente não sabe e perde a conta de quantos negros jovens estão sendo exterminados pelas ruas desse país. É disso que ela fala. “O racismo e expos ao mesmo tempo, a tripla opressão de raça e sexo e classe imposta à mulher negra, que tem levado à morte prematura de muitas mulheres. Denunciar tal existência do povo negro exigiam de vários protagonistas atuarem politicamente, a fim de protestar, acusar e intervir nas estruturas do Estado e da sociedade, e ainda no plano passado, num período de exceção.

Mulher negra, Lélia foi uma das suas líderes, ela foi babá, funcionária pública, professora do Ensino Médio e universitário.

Escritora, ocupou cargo nas estruturas acadêmicas e políticas, e se movimentou nos EUA, na Europa, na América Latina e na Áfri-

ca, com um claro objetivo de combater o racismo, o sexismo e a opressão de classe”. Obrigada.



Melina de Lima (Mediadora): Maravilhosa Beth. É... essa aula, né, sobre Lélia Gonzalez, passou por... por tudo, né? Falou sobre a estruturação do racismo que Lélia apontava, falou sobre a valorização da cultura, né? Sobre a importância de a gente ocupar os espaços de poder, de a gente estar presente na política, né?

A gente vai conseguir abrir pra dois comentários se... se alguém quiser se inscrever pra fazer comentários.



Selma Maria (plateia): Bom, eu sou Selma Maria,. Sou uma mulher preta,. o Jardim Catarina faz parte da minha história, atravessada pelos meus alunos lá do Liceu Nilo Peçanha, da faculdade, do Instituto de Educação, onde eu fui professora e onde Lélia foi professora.

O que que eu queria trazer aqui sobre Lélia. A Beth falou, trouxe uma parte da da dissertação dela de mestrado, um trabalho belíssimo, um trabalho apaixonante. E uma coisa que a Beth fez...



Melina de Lima (Mediadora): Licença, é só... O primeiro trabalho acadêmico sobre Lélia Gonzalez, tá?



Selma Maria (plateia): Exatamente. O primeiro trabalho acadêmico sobre Lélia Gonzalez é escrito por Elizabeth Viana, Elizabeth Espírito Santo Viana. Minha amiga, minha irmã, né? E a gente vem de uma história, como Jurema também, a gente já passou.

Eu digo que hoje eu sou uma pessoa alienada consciente, né? Porque eu não faço parte mais de nenhum partido político, eu tenho um compromisso, eu tenho uma história com partido político, sim. Tenho uma história com o movimento de mulheres negras, continuo nessa luta, sou uma ativista do movimento negro. Mas o que eu queria trazer... é... o meu orgulho, né? E eu acho que Lélia trouxe isso. O fala de Beth, tanto o texto de escrito, quanto o falado, traz na sua perspectiva o que Lélia construiu e cunhou enquanto conceito, enquanto uma epistemologia negra da nossa amefricanidade, do nosso “pretoguês”. Então hoje nós, eu também sou uma pesquisadora, sou uma pensadora, sou uma professora, doutora, né?

E falo desse lugar. Se eu sou quem eu sou, enquanto uma pesquisadora, doutora, aliás, pós-doutora em Teoria da Literatura, porque Lélia Gonzalez existiu. Eu vou discordar um pouquinho de você em relação a questão do trauma, o trauma continua presente na nossa vida. A Lélia nos dá referência pra enfrentar esse trauma. A academia ainda é um espaço perverso e que não nos reconhece enquanto pessoas produtoras de conhecimento que nós somos.

E pra finalizar, eu quero dizer que na minha dissertação de doutorado, eu uso um texto de Lélia Gonzalez que, pra mim, é fundamental, que é o Prefácio de Cadernos Negros.

Uma publicação que existe há 46 anos, sabe? 46 anos. E ainda, dentro dos espaços de literatura, de formação de professores de literatura, não é usado como referência. Ainda não se trabalha esse texto como referência, porque você tem uma academia que é burra, sabe? Que não se reconhece enquanto sujeito, porque ela se percebe apenas num lugar só de pensar.

Se essa academia fosse inteligente o suficiente, ela poderia entender o Prefácio de Cadernos Negros 3, que Lélia Gonzalez faz e ela vai falar sobre a literatura negra brasileira. E se hoje a gente fala de uma literatura negra, porque eu não uso o conceito de literatura afrobrasileira, porque eu não uso?, porque aprendi com Lélia Gonzalez, que eu falo de um corpo preto e de uma literatura preta e eu falo em “pretoguês”. Em “pretoguês”, que é a minha



poética, a minha existência e o meu compromisso de construir um lugar de transformação, pra que os nossos corpos vivam e que tenham cada vez mais pessoas de 69 anos lindas e maravilhosas e modestas como eu .

Melina de Lima (Mediadora): Maravilhosa. Ma-ra-vi-lho-sa. Eu vou passar pra Ieda Leal agora que está inscrita.

Ieda Leal: Boa noite. Eu sou Ieda Leal, eu vivo no centro-oeste entre Goiânia, Brasília. Eu participei dos primeiros anos do governo Lula do Ministério da Igualdade Racial. Hoje eu tô na Organização dos Estados Ibero-americanos. E eu queria e acho que nada é por acaso... é... sábado, eu comemorei os 90 anos de Lélia Gonzalez. Dia 23 de janeiro, eu fiz 60 anos. A minha neta me escuta contar histórias de Lélia, ela tem seis anos. Minha mãe tem 86 anos.

E nós, do Movimento Negro Unificado, desde o ano passado, resolvemos homenagear as 2000 pessoas que estavam na escadaria... é... lançamento o Movimento Negro Unificado, plantando 2000 mudas de baobá. As pessoas estão recebendo as mudas.

Eu estou aqui numa reunião discutindo algumas possibilidade de participação na COP30, Então por que que é importante a gente plantar baobás? Eu não vou fazer palestra aqui não. É porque baobá é a planta que tem raiz, que simboliza a luta e que a gente tem que plantar Lélis dentro da gente. A gente tem que plantar Luizas dentro da gente e renascer, florescer todos os dias. E não pode plantar baobá no jardim, então tem que arrumar um lugar muito grande, em que ele possa respirar e representar a gente, continuar essa força da África. Então, primeiro, vai colocar ele - Eu já tô craque, gente. Coloca ele num vaso, tal, bonitinho, vai lá, ele vai ficar encorpado, na sombra. Ele gosta de água. Depois tem que ser numa praça,

tem que ser num local. Nós estamos entregando nas casas sagradas, então a gente tá fazendo um grande movimento. Eu não poderia, hoje, deixar de vim aqui, nos caminhos... nos nossos caminhos, nas nossas reflexões antirracistas, antissexistas, dizer pra você, você é baobá. Outro assunto, todas aqui nesse palco e aí sentadas me representam, viu gente?



Melina de Lima (Mediadora): Obrigada, leda. Maravilhosa. Eu vou, agora, passar pras considerações finais. Se alguém quiser comentar.



Elizabeth Viana: Eu agradeço o convite, eu continuo agradecendo. É tão bom. Porque uma coisa é ver... Dona Lígia, olha. Meus respeitos. Acho que é a mais velha entre nós.



Lydia Garcia: Eu gostaria... Primeiro, boa noite. Pedir licença aos nossos ancestrais, aos mais velhos, e dizer que os mais jovens nos acompanhem. Eu gostaria de dizer que é muita emoção. Eu sou uma carioca, de 86 anos, a minha festa vai ser o Brasil inteiro, porque no dia 3 de março é carnaval e é meu aniversário. 87 anos.

E dizer que tive o prazer de conviver com a Lélia, mesmo sendo uma “cariocandanga”. Moro em Brasília há 64 anos, onde lá fiz a minha família. Fui a primeira... fomos o primeiro casal a colocar nomes africanos nos filhos. Quenia, a minha filha, é a primeira Quenia do Brasil. Se apresente outra, se tiver. E dizer que a minha filha, a minha segunda filha, que não está mais agora conosco, ela voa, foi pro Urum muito jovem há três anos atrás, conviveu tanto com a Lélia, que aos 23 anos, que ela retorna pra... para o Rio de Janeiro, ela faz uma das primeiras entrevistas. Poucas entrevistas, os vídeos com Mali Garcia ao lado de Lélia. Está no Cultne, é uma reportagem muito linda.

E eu levei os meus pais ao movimento negro. Então eu gostaria de não me alongar e dizer que foi assim uma maravilha estar aqui



nesse encontro, porque, em Brasília, onde eu moro também estive. Parabéns. Axé, Axé, Axé, Axé. Viva a Lélia, presente Lélia Gonzalez. Presente.

Jurema Batista: Bom, então, né, pra finalizar, eu acho que isso nunca vai finalizar, porque só eu tô com umas ideias aqui, sabe? Pra sentar-se com as pessoas e conversar, né? O nome da escola é uma das coisas, mas temos muito mais coisa pra falar, né? É... gostaria de agradecer, né? tá vivendo esse momento tão rico, né? Rico, como foi no MUHCAB, né? Então assim, agradecer de público, né?



Melina de Lima (Mediadora): É... muito obrigada. Eu queria também agradecer ao Cléo e a Carla também, da AACIC. Obrigada, viu, por tudo que vocês fazem aí e parabéns pelo trabalho, gente.

E obrigada. Onde Lélia chegou, pra trás a gente não anda, é só pra frente. Vamo que vamo. Axé Muntu.



Christiane Lima (Mestre de Cerimônia): Lembrando que amanhã tem mais seminários, né? Então venham, participe, né? Convide também as amigas e os amigos pra tá aqui presente também. Melina vai tá conosco fazendo a mediação, né? Maravilhosamente... (riso). É... e agradecer as palestrantes, as convidadas, né? Essas figuras tão importantes pra gente, pra história, né? Pra mim, particularmente, é uma honra, né, tá aqui.

E também queremos, agora, convidar vocês pra continuar conosco, que vamos ter agora uma experiência cultural, né? Vamos ter Val de Oliveira, que ela é cantora, atriz, corista de diversos espetáculos, vencedora de vários prêmios em festivais da cidade, né? Então vamos convidar vocês pra tá com a gente. Vamos ter também, né, um coquetel que será no térreo aqui do CCBB, certo? Então vamos celebrar, né, essa noite agora, juntos e juntas e juntas, no coquetel que vai ser aqui no térreo. Certo? E amanhã nos encontramos aqui nesse mesmo local.

2º DIA – 04.FEVEREIRO.2025

SEMINÁRIO

“Caminhos e Reflexões Antirracistas e Antissexistas”

Rio de Janeiro, RJ

Mediadora

Melina de Lima



Historiadora, Pesquisadora e Organizadora. Coordenadora de Articulação Interfederativa do Ministério da Igualdade Racial. Diretora de Cultura e Educação do Instituto Memorial Lélia Gonzalez. Co-fundadora do Projeto Lélia Gonzalez Vive. Neta orgulhosa de Lélia Gonzalez.

Convidada

Sueli Carneiro



Filósofa, doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, coordenadora executiva de Geledés Instituto da Mulher Negra, editora do Portal Geledés; fellow da Ashoka Empreendedores Sociais desde 1992. Foi durante 7 anos articulista do jornal Correio Braziliense. É membro do Conselho Curador da Fundação Tide Setúbal, do Conselho Deliberativo do Fundo Baobá para a Equidade Racial, do Conselho Deliberativo da Conectas Direitos Humanos. É ativista feminista e antirracista e autora de diversos artigos sobre as questões de gênero, raça e direitos humanos em publicações nacionais e internacionais. Sua publicação mais recente é Lélia Gonzalez um retrato. Escritos de uma vida. Zahar, 2024.

Convidada

Conceição Evaristo



Escritora, ficcionista e ensaísta, doutora em Literatura Comparada pela UFF. Com sete livros publicados, traduzidos para várias línguas, recebeu prêmios como o Jabuti por Olhos d'água e o Prêmio Intelectual do Ano - Troféu Juca Pato. Já foi homenageada em eventos como a Ocupação Conceição Evaristo pelo Itaú Cultural e tomou posse da cadeira 40 da Academia Mineira de Letras.

PAINEL II

O Pensamento Decolonial de Lélia Gonzalez e sua contribuição para a Educação

FALAS INSTITUCIONAIS



Kleyton Moraes: De 2023 para cá, há um processo de recomposição, em que a presença de mulheres e de pessoas pretas e pardas na instituição tem um caráter, tem um colorido da diversidade, que expressa, de fato, os desafios e a própria composição da sociedade brasileira.

Então a fotografia inclusive no dia de hoje, apresentada pela companheira Ana Bianca numa atividade da fundação, é de 62% de pessoas pretas e pardas na Fundação Banco do Brasil.

Uma realidade que foi mudada, a partir não de decretos, mas de debates, de letramento, de um processo de convergência, que tem decolonizado os nossos processos, a nossa maneira de fazer.

Isso não é um capítulo fácil. A gente tem o vício do etnocentrismo, de saber tudo e, sobretudo, de pré-julgar, aquilo que é supostamente diferente da gente.

Então, foi desencadeado um processo de vivência profunda e de compromisso com o processo de decolonização interna também, de forma a tornar visível presente esse mecanismo para os funcionários e funcionárias e para a própria instituição; para poder assim ter mais adesão e poder contribuir com pautas que são estratificadas em grau de urgência, mas também em grau de complexidade e de estratégia.

A população afrobrasileira, sobretudo, a população afrobrasileira, amarga os indicadores sociais piores, quando a gente olha os extratos sociais no Brasil.

Então quando a gente olha a fome, a fome tem cara, tem CEP. E inexoravelmente são pessoas que estão nas casas, ou em situação de rua e são pretas e pardas. Então nesse sentido a gente tem buscado, ensinar e direcionar as nossas ações no sentido de superar essa necessidade a partir de proposições reais.

Então, partindo de questões que são primárias, como a segurança alimentar; a Fundação tem atuado em conjunto, em consonância com as políticas públicas, então nas cozinhas solidárias.

Da mesma forma que a Fundação Banco do Brasil tem atuado em projetos como esse, o Projeto Memória, que busca a partir daquilo que é mais elevado e supremo, que é o pensamento humano, e com isso visando contribuir também com as proposições desta intelectual: galvanizando também e articulando, tantas outras intelectuais e encorajando tantas outras meninas e meninos pretos e pardos a seguir, e ser aquilo que desejam ser.

Então o lugar de preto ou de preta é onde a gente quiser, né? E nesse sentido também trazendo materialidades e buscando dialogar como esse Brasil, que é tão diverso e, ao mesmo tempo, que tem as raízes de contribuição intelectual e de conhecimentos tradicionais e ancestrais.

A Fundação tem pensado questões complexas, como a produção de medicamentos a partir dos saberes tradicionais, dos povos e comunidades tradicionais. Trabalhando com esse conjunto de saberes e a partir dos próprios públicos, que são agricultores e agricultoras familiares, que são os terreiros, né? Espaços de saberes concentrados, verdadeiros centros culturais, né?

Como é que a gente pode ensinar o desenvolvimento de cadeias produtivas, primeiro, que salvaguardem a saúde do

povo e da população brasileira, né? Mas que também que gerem trabalho e renda. E no âmbito das relações transnacionais também, que ajude no processo de equilíbrio inclusive de questões complexas, como é balança comercial, PIB etc.

Então acho que são extratos, prioridades e urgências, mas sem perder a orientação

estratégica. É o que a Fundação tem conduzido e buscado ensinar, nessa caminhada.



Christiane Lima (Mestre de Cerimônia): Muito obrigada ao presidente da Fundação. Além dos seminários, o Projeto Memória apresenta uma exposição com 18 painéis históricos que registram a vida e a obra da escritora. A Mostra ficará aberta a visitação do público até o dia sete de abril, no 1º andar aqui do centro cultural, né? A exposição também receberá a visitação de alunos ao longo do período com a disponibilização de transporte gratuito para conhecer a trajetória da intelectual.

Gostaria também de chamar também para compor a mesa a filósofa, doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, coordenadora executiva do Instituto de Mulher Negra, editora do Portal Geledés, é ativista, feminista e antirracista e autora de diversos artigos sobre as questões de gênero, raça e direitos humanos em publicações nacionais e internacionais. Sua publicação mais recente é “Lélia Gonzalez: Um retrato”. Escritora de “Uma vida”, Zahar, 2024. Nossa querida, maravilhosa, Sueli Carneiro.

A próxima, é escritora, ficcionista, ensaísta. Doutora em Literatura comparada pela UFF, com sete livros publicados, traduzidos para várias línguas. Recebeu prêmios, como: o Jabuti, por “Olhos D’água”; e o prêmio intelectual do ano, Troféu Juca Pato. Já foi homenageada em eventos como a Ocupação Conceição Evaristo, pelo Itaú Cultural e tomou posse da cadeira 40 da Academia Mineira de Letras. Com vocês, Conceição Evaristo.

Sejam todas bem-vindas. Agora, eu passo a condução desse seminário pra nossa mediadora, a Melina. Querida.

FALAS DO SEMINÁRIO



Melina de Lima (Mediadora): Boa noite a todas, todos e todos. Estou emocionadíssima de estar aqui, né, em mais essa justíssima homenagem, né? Principalmente na nossa cidade, né, no Rio de Janeiro. Eu sou uma famosa “cariocandanga”, eu sou carioca, mas moro em Brasília há muitos anos. Mas tenho muito orgulho, né, de ser carioca, de ter nascido aqui no Rio de Janeiro. Onde vó Lélia, né, cresceu.... veio muito jovem, né, e cresceu e se tornou a grande Lélia Gonzalez.

É... eu queria aproveitar e já quebrar um pouquinho... um pouquinho o protocolo e eu faço questão de citar, né, que a gente tem aqui grande parte da família Almeida também. Temos aqui Rubens Rufino, o Marcelo de Lima, Lili de Almeida, Gabriela de Almeida, Ísis de Almeida. Que são... somos do Quilombo Almeida, né? Cheios de orgulho, né? Que mantemos esse legado vivo, respeitado, né? Então é importante pontuar. E os cônjuges que estão aqui também, né, da nossa querida família, que... né, que é nossa família estendida. Então obrigada pela presença também da família, é importante a gente pontuar.

A gente que tem o Instituto Memorial Lélia Gonzalez, que é bom pontuar também que é uma família preta, né, que tá tocando o legado, né, de Lélia Gonzalez, né? A sua família que tá à frente desse... desse projeto importante, né, pra manter essa memória respeitada. E... super emocionada de estar aqui com Conceição Evaristo e Sueli Carneiro, né? Essas grandes contemporâneas de Lélia Gonzalez, grandes nomes assim, como o de Lélia Gonzalez, né? Que lutam, que trabalham e que mantêm, né, essa tarefa, né, de evidenciar o racismo, de evidenciar, né, essa diferenciação de gênero

também, né? E essas doutoras queridas que, né? Uma... duas intelectuais, né, negras, né? Nesse país a gente tem que ficar repetindo isso o tempo inteiro, né? Porque as pessoas não conseguem acreditar, mas as pessoas precisam, né, se acostumar com a nossa presença nesses espaços. E eu tô orgulhosíssima de tá aqui com vocês. Muito obrigada por terem topado, né, fazer parte, né, desse dia tão importante, ainda mais os 90 anos de Lélia Gonzalez.

Como eu sempre digo, que se fez eterna, né? Então muito obrigada mais uma vez. Aproveito e agradeço... Primeiro, que o Projeto Memória é um projeto que eu carrego no meu coração de verdade, né? Ainda no primeiro Projeto Memória, que inclusive a REDEH que organizou. A Schuma tá aqui e também faz parte hoje ainda do Projeto Memória. Mas a Schuma que lutou pra ter o nome de Lélia Gonzalez, né, há alguns anos atrás, há o quê? Uns 15, sei lá, 10, né? Enfim, alguns anos aí. Eu ainda estudante de História, fiz parte da pesquisa histórica e foi quando eu, de fato, é... tive coragem pra... como vocês viram no vídeo, né, a gente tinha... eu tinha essa dificuldade de tocar esse legado em relação a ler Lélia. Eu tinha vergonha e medo de ler Lélia, porque eu ficava: "Gente, se eu começar a ler vão querer... se eu começar a falar sobre Lélia vão querer me comparar". Enfim, essas coisas que o racismo traz, né? Essa baixíssima autoestima, né? Essa questão de não se entender e não se reconhecer como poderosa e potente, né, de tocar esse legado, que é nosso.

Então Lélia Gonzalez é uma das grandes pensadoras disso. E, então, eu agora, né, vou fazer acontecer aqui e dar a palavra pra essas duas grandes, né, intelectuais do nosso país. Então agora com vocês, Sueli Carneiro.



Sueli Carneiro: Boa noite a todas, todos e todes. Eu sou uma velha senhorinha, que não sabe... que não sabe falar de improviso, que tem o seu papelzinho, que ainda não tá adaptada a essas formas novas, né, de seminário.

Bom, é um prazer e uma honra, né, participar, né, desse seminário, do Projeto Memória Lélia Gonzalez. Celebração de uma das mais originais intérpretes do Brasil, que muita falta nos faz nesses tempos tão sombrios. Nos pediram, Eu e Conceição, pra falar do pensamento decolonial de Lélia Gonzalez e sua contribuição para a educação. Fique bem à vontade, porque eu não vou falar nada disso. Até porque, muito antes de qualquer concepção decolonial, Lélia Gonzalez é, pra mim, uma das mais importantes expressões panafricanistas, né?

Então eu prefiro falar da Lélia educadora, ativista e intelectual orgânica do movimento social negro e do movimento de mulheres. Falar dessa ativista, intelectual orgânica e sua contribuição inestimável para o avanço do movimento social de mulheres e negros.

E como desdobramento de seus ensinamentos se deram em práticas políticas que nós protagonizamos a partir dela. Portanto, falarei tudo que já disse no vídeo que vocês já assistiram. Porque é isso que tá no livro que a gente, fez em 2015 com a REDEH, em parceria importante com a Fundação Banco do Brasil e nos deu todo um kit, não é, inexistente de materiais sobre Lélia Gonzalez.

E eu tive o privilégio de ser convidada pra participar do projeto... escrevendo a biografia, mas que eu tenho a autoria, mas que foi produto de um conjunto de pessoas, admiradoras, tientes de Lélia Gonzalez e compromissadas com a luta antirracista e antissexista no Brasil, que é toda a turma da REDEH, né? Que publicou, que.. hã... perfez a grande parte da pesquisa do livro, do livro que acaba de ser relançado, né,

E é muito curioso, que quanto tempo depois dele ter sido feito... hã... ele alcança hoje, talvez, uma visibilidade e um impacto maior do que quando foi lançado. Isso se deve ao vigor, né, do pensamento dessa mulher, do ativismo dessa mulher tão importante pra nós, né? Eu sempre disse um milhão de vezes isso, que quando eu vi Lélia Gonzalez falar num seminário, eu descobri o que eu queria ser quando eu crescesse, né? E foi simples assim.

Eu era uma jovem iniciando nos processos, né, de articulação política dos temas de gênero e raça. E tudo tendia a que o meu caminho natural fosse ir pra uma organização clássica do movimento negro. Hã... digamos talvez, não Leda? Leda Leal. Tudo indicava que deveria ter sido aquele caminho natural, entrar pro MNU.

Quando eu li... quando eu ouvi Lélia, eu soube que não era isso que eu tinha que fazer, que o que eu tinha que fazer era contribuir pro processo de organização política das mulheres negras. E desde então é isso que eu faço, né?

Então eu falei da Lélia, educadora, com quem eu aprendi, em primeiro lugar, ser mulher negra, um modo específico de subjetivação. Uma especificidade no universo feminino resultante da trajetória histórica, diferenciada, que demarca outra construção dos gêneros no contexto da dominação colonial e pós-colonial.

De acordo com Lélia, as concepções do feminismo brasileiro padeciam de duas dificuldades para as mulheres negras, de um lado o seu viés eurocentrista, por omitir a centralidade da questão da raça nas hierarquias de gênero presentes na sociedade. E a universalizar os valores de uma cultura partir de uma cultura particular, a ocidental, para o conjunto das mulheres sem as mediações dos processos de dominação, violência e exploração que estão na base da interação entre brancos e negros.

Essa perspectiva feminista tradicional não podia apreender demandas que as mulheres negras traziam pra cena pública. Por outro lado, pra Lélia o feminismo brasileiro branco também revelava um distanciamento da realidade vivida pelas mulheres negras ao negar toda uma história feita de resistências e de lutas, em que essa mulher tem sido protagonista, graças à dinâmica de uma memória cultural ancestral, que nada tem a ver com o eurocentrismo desse tipo de feminismo.

Defendendo tais posições, Lélia Gonzalez ensinará mulheres brancas e mulheres negra, homens negros e brancos e a sociedade, em geral, a perceberem os efeitos deletérios que o pa-

triarcalismo associado ao racismo produzem sobre as mulheres negras. Que são: níveis mais amplos de exclusão social do que os experimentados pelas mulheres brancas, que mantém as mulheres negras, em sua maioria, entre os extratos sociais que padecem de extrema pobreza; número maior de chefia de famílias; rejeição estética, especialmente no mercado de trabalho. Ou seja, desde Lélia Gonzalez se compreenderá que ser mulher e negra é ocupar um lugar peculiar na sociedade brasileira, recortado por múltiplas injeções, que se potencializam para a sua difícil inserção social.

Tudo o que tem sido chamado contemporaneamente de interseccionalidade, ela já conhecia isso naquela época. Dessa visão ou ensinamentos pude avançar para a compreensão e elaboração em diálogo com Lélia e outras e outros autores, de que a racialidade produz gêneros subalternos e hegemônicos, como decorrência da operação sistêmica do dispositivo de racialidade em sua dimensão de fábrica produtora de subjetividades, saberes e poderes. Ou seja, a variável racial produziu gêneros subalternizados tanto no que se refere à identidade feminina estigmatizada das mulheres negras, quanto à masculinidade subalternizadas dos homens negros. Que têm com um prestígio inferior ao do gênero feminino do grupo racialmente dominante, ou seja, as mulheres brancas. Em face dessa dupla subvalorização, é válida a afirmação de que o racismo rebaixa o status dos gêneros. Ao fazê-lo, institui como primeiro degrau de equalização social a igualdade intragênero, tendo como parâmetro os padrões de realização social alcançados pelos gêneros racialmente dominantes.

Por isso demonstramos, juntamente com Thereza Santos, no livro “Mulher Negra”, que para as mulheres negras atingirem os mesmos níveis de desigualdade existentes entre homens e mulheres brancos, significaria experimentar uma extraordinária mobilidade social, uma vez que os homens negros, na maioria dos indicadores sociais, encontram-se também abaixo das mulheres brancas.

Essa é o resultado desse processo que o racismo produz de rebaixamento dos gêneros, seja o masculino ou o feminino.

Em segundo lugar, aprendemos com Lélia que sem instrumentos políticos coletivos de luta não é possível empreender as transformações sociais que demandamos. O compromisso das mulheres negras com a transformação social era visto por Lélia como prioritário, pois como “amefricanas”, sabemos bem o quanto trazemos em nós a marca da exploração econômica e da subordinação racial e sexual. Por isso mesmo trazemos conosco, segundo Lélia, a marca da libertação de todos e de todas.

Ela dizia isso muito antes, não é, de ser dito que quando uma mulher negra, não é, se move, toda uma estrutura se move, né? Por Angela Davis. Então tal dobradura, esse nível de consciência da nossa responsabilidade no processo de transformação social exigiu muito amadurecimento da nossa parte pra responder a essa provocação. E respondemos a altura. Procuramos e conseguimos andar com as nossas próprias pernas sem, contudo, nos desvencilhar das questões subscritas pelo movimento feminista. Enegrecemos o ideário feminista, nos situando criticamente em áreas estratégicas de sua plataforma, tais como: trabalho e poder; saúde; educação e pesquisa; meios de comunicação; violência.

Áreas em que as mulheres negras ofereceram novos enfoques e olhares pela articulação das contradições de raça, gênero e classe que conformam a nossa identidade na sociedade brasileira. A crítica política ao feminismo tradicional nos impôs, como consequência, a necessidade de construção de instrumentos políticos capazes de organizar e impulsionar as demandas políticas que o ser mulher negra, como sujeito político, exigia.

Inspiração para a criação das inúmeras organizações de mulheres negras que emergem na esfera pública, na esteira do protagonismo do Nzinga, organização de mulheres criada por Lélia e outras mulheres desse estado, e que foi fonte de inspiração de organizações, como o Geledés, Instituto da Mulher Negra, da qual sou uma das fundadoras e diretora.

Em terceiro lugar, Lélia nos mostrou a importância da nossa insurgência frente as táticas de subalternização ou exclusão presentes no nosso próprio campo político. O seu protagonismo nos movimentos sociais não descuidou do papel estratégico que a política partidária poderia cumprir na transformação social, especialmente no que dizia respeito a questão racial. O que a levou a intensa participação no Partido dos Trabalhadores, no qual permaneceu de 1981 até 1985, dele se desligando com carta pública endereçada ao, então, presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Na qual Lélia questiona o sonho igualitário e democrático do qual o Partido dos Trabalhadores se colocava como portador, mas que segundo ela, pelas mensagens emitidas pelo partido, consubstanciava um sonho exclusivo e excludente.

Um sonho, como disse ela, europeu. E ao final da carta pública, Lélia nos alerta: “Criouléu, mulhero, indiada, indiada desse país, se cuida, moçada”. Dito e aceito, aprendi a lição e passei a agir de acordo, sem carta branca pra qualquer força política que não nos reconheça como verdadeiros interlocutores em qualquer processo de transformação.

Em quarto lugar, a reflexão de Lélia nos instigou a confrontar e disputar as narrativas e estereótipos instituídos e consolidados sobre nós. Em seu processo pessoal, mas público, de desconstrução do branqueamento que o racismo nos impõe.

Lélia arrastava com ela legiões de mulheres negras que, como ela, passaram a assumir suas cabeleiras blacks, usar as roupas coloridas que valorizam a negritude, aceitarem valorizar as características físicas e sua peculiar expressão de sensualidade.

Aprendemos e buscamos força nos feminismos, construídos em nossas matrizes culturais negro africanas. Pudemos resgatar o poder feminino no culto aos orixás e cunhar que nessa tradição as mulheres negras não foram feitas da costela de ninguém. Que nessa tradição temos domínio sobre a natureza, domínios que se equalizam aos dos homens. Que nessa tradição não precisamos renunciar a nossa sexualidade para

alcançar o reino dos céus, porque nessa tradição as mulheres são mães dedicadas e amantes apaixonadas. Ao demonstrar o lugar que o racismo nos destinou, Lélia não hesitou em demarca-lo com toda a crueza, disse ela: “Ora, na medida em que nós, negros, estamos na lata do lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação, o risco que assumimos aqui é o ato de falar e todas as suas implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados, que neste trabalho assumimos nossa própria fala, ou seja, o lixo vai falar e numa boa”. Ok?

Então, desse lugar, Lélia em seu livro “Festas Populares” descortina o processo pelo qual a resistência cultural negro africana e a persistente reprodução e atualização dessas matrizes culturais marcam profundamente a identidade nacional, sendo o grande obstáculo ao projeto excludente de fazer do Brasil um país branco europeu nos trópicos, como pretendeu grande parte das elites nacionais ao longo de toda a nossa história.

Ao contrário, é nesse manancial que as vanguardas culturais nacionais, nesse manancial negro, nesse manancial de cultura negra, nesse manancial de festas populares profundamente marcadas pela identidade e pela cultura negra, que tem sido buscado e encontrado muitas vezes na forma de expropriação a inspiração para as originalidades que distinguem a produção cultural nacional, que quando não bebe nessa fonte, apenas mimetizam expressões culturais hegemônicas com um forte marcador colonial.

Creio que essa convicção que orientam a feitura desse livro de Lélia, “Festas Populares”, que expressa, o quão confiante ela era de que a cultura popular brasileira é grandemente tributária da africanidade que a influencia. Ao se atrever a pensar a nossa inserção na sociedade brasileira a partir de nós mesmas, a partir de nossa experiência histórica, que o agenciamento de raça e gênero nos impõe, Lélia nos instou a nos pensar como intérpretes do Brasil, portadoras de uma ótica peculiar por ela inaugurada, em que gênero, raça e classe se tornam vetores fundantes de análises críticas que sinalizam

para outro tipo de sociedade que sinaliza uma nova utopia, em que as hierarquias de opressão sejam abolidas em prol da outorga de plena cidadania e dignidade humana para todes.

É isso que vimos exercitando nessa corrente de pensamento chamada feminismo negro, em que a questão racial, em seu recorte gênero, raça e classe, vem sendo esquadrihada por pesquisadoras negras em diferentes áreas de conhecimento e por perspectivas teóricas e conceituais múltiplas.

Em quinto e último lugar, Lélia nos trouxe um universalismo na prática política. Ao lado de Abdias Nascimento, Lélia figura como expoente do panafricanismo nas Américas. Provavelmente Lélia tenha sido a militante negra que mais participou de seminários e congressos também fora do Brasil, sempre levando um discurso forte, provocativo e emocionado sobre a política racial brasileira, contribuindo para revelar a... a democracia racial como um mito.

Nos Estados Unidos e em vários países da África, da América Central e do Caribe e da Europa, estivemos presentes através dela. Segundo o nosso saudoso Januário Garcia: “À medida que Lélia passou a ser convidada para eventos no exterior, especialmente nos Estados Unidos, sua capacidade de comunicação e o conteúdo exposto fizeram de Lélia uma referência.

Os americanos pouco sabiam da realidade negra no Brasil, sua fala surpreendeu muita gente com isso e começou a ser convidada pra outros espaços fora do Brasil. Nesse sentido, o Januário diz: “Ela globalizou a questão racial brasileira”. Porque todo mundo achava que o racismo era pior nos Estados Unidos e na África do Sul e ela disse que não.

Ela desnudou a questão da cordialidade brasileira denunciando as diferentes formas de racismo que acontecia no país. Ela dizia que no sistema do apartheid da África do Sul havia mais negros na universidade do que no Brasil. “Quando você vive num sistema de segregação racial”, dizia Lélia. “Você conhece seus limites para andar. Quando você vive numa sociedade disfarçada, como a brasileira, é mais difícil enfrentar o inimigo”.

Sabemos perfeitamente que até hoje isso é verdade. E com ela, aprendemos outros modos de pensar a diáspora africana, sintetizada em sua proposta da categoria “amefricanidade” para definir a experiência comum dos negros nas Américas. Além disso, seu diálogo e protagonismo pelo mundo nos inspirou a desenvolver uma perspectiva de ação política internacionalista, que tem seu momento emblemático na participação das mulheres negras no processo de construção da Conferência de Durban, especialmente na preparação da participação da sociedade civil negra e latino-americana e caribenha.

Assim, estivemos além de Durban, estivemos em Viena, na Conferência de Direitos Humanos, da qual saiu o compromisso sugerido pela sociedade civil brasileira, de realização de uma conferência mundial sobre racismo para o ano de 2000. Atuamos no processo de preparação da Conferência de Beijing, durante o qual foi realizado um conjunto de ações através das quais é possível medir o crescimento da temática racial no movimento de mulheres no Brasil e no mundo.

Entre as diferentes iniciativas desenvolvidas destaca-se a Articulação de Organização de Mulheres Negras Brasileiras Pró-Durban, que os chefiou, que foram responsáveis por a grande mobilização da sociedade civil feminina brasileira para o contexto, para os resultados da plataforma de Durban, no que toca ao tema dos afrodescendentes.

Considero, então, que na origem desse protagonismo internacionalista que as mulheres negras desempenham no presente ecoa gestos e intervenções políticas realizadas por Lélia Gonzalez no passado, como sua presença na Conferência de Nairóbi, em 1975, juntamente com Benedita da Silva e em diferentes fóruns africanos ou de sua diáspora. Não é à toa que em Beijing +10, em 1995, Lélia foi uma das feministas homenageada dentre as feministas de reconhecimento internacional homenageadas naquele fórum.

Portanto, Lélia foi uma das primeiras e poucas expressões de nossa intelectualidade a desenvolver uma perspectiva de ação política internacionalista e mais precisamente em acentuar os nexos, o contínuo cultural diaspórico que se espraia por todo o

mundo, em especial, por todo o continente americano, no qual se reproduzem as consequências da experiência histórica e brutal da escravidão e como se ritualiza persistentemente o patrimônio cultural dos afrodescendentes.

Como combatente incansável contra o racismo e o sexismo, Lélia tensionou todas as frentes que protagonizou, nos mostrando que o que a vida exige de nós é coragem. Essa é a minha Lélia Gonzalez, a criadora de caso no movimento feminista, a criadora de caso no movimento negro, a criadora de caso nos partidos políticos, a criadora de casos na academia. Obrigada, Lélia, por nos ensinar tanto. Obrigada, Lélia, por tudo. Descanse em paz, minha irmã.



Melina de Lima (Mediadora): Uau, muito obrigada. Isso tudo em 25 minutos, que era justamente o tempo. Genial, né, como sempre. Muito obrigada, Sueli.

Eu passo agora a palavra, então, pra grandessíssima Conceição Evaristo.



Conceição Evaristo: Boa tarde a todas, a todes e a todos. É... que bom, né, ver esse auditório com tantas pessoas... é... conhecidas. Mas eu tô me sentindo realmente sem graça, porque depois de ver o documentário, depois de Sueli falar, né? Embora de Lélia possa se dizer milhões de coisas. Mas eu juro que eu fiquei... é... inibida, né? Eu acho que eu tô prejudicada aqui nessa função.

É. Se eu soubesse cantar, eu cantaria uma música de Jorge Ben, porque Lélia gostava de Jorge Ben, mas também não sei cantar. Então eu não sei... o que.. Não. E depois também de ter lido o livro de Sueli Carneiro sobre Lélia.

Ai meu Deus.



Melina de Lima (Mediadora): Mesma coisa.



Conceição Evaristo: Você me empresta o seu texto... me empresta aí, que eu vou ler, eu vou... vou te copiar, vou ler, vou ler direto. É... bom, pensar, né? Eu também vou sair, tá gente? Eu vou para o legado de Lélia e, sem dúvida, falar do legado de Lélia é falar... é... de uma postura, né, de uma leitura e de uma prática... é... política decolonial.

Mas o que eu quero dizer nesse exato momento é que esta mesa aqui é uma consequência da luta de Lélia. Porque reunir três mulheres negras para falar de uma mulher negra... é... não foi algo que a gente conquistou de uma hora para outra não.

Porque quantas vezes a gente ia a debates e a gente podia contar na mesa quantas mulheres negras estavam ali como voz ativa, né? Então isso foi também uma reivindicação muito grande da gente.

E é muito dentro daquilo que Lélia falou, né? É... deixar de ser falada e assumir a própria fala, né? O lixo vai falar. E aí uma questão que, para mim, também sempre... uma questão não, uma reflexão de Lélia que sempre me chamou atenção é quando Lélia diz do “pretoguês”, que várias pessoas... é... falam também. Mas quando a gente pensa em Lélia, criadora de caso, nós vamos ter também uma Lélia, criadora de caso, diante da língua portuguesa. E criar caso... é... diante da língua portuguesa, construir um discurso no meio acadêmico usando conscientemente expressões populares, eu acho que ali também estava um signo da luta de Lélia, né? Porque nós sabemos e ela diz isso também, né? Nós sabemos também... muito bem da questão... é... do preconceito linguístico, né? E como a academia é seletiva com a nossa linguagem, né?

Como nós, que temos uma outra experiência linguística, temos de chegar dentro da academia e conformar... é... toda a nossa linguagem pra sermos bem-sucedidos. E aí é interessante, porque Lélia, ela questiona o conteúdo da academia e este questionamento, ela começa no nível da linguagem. Então ela é... ela. Ela faz um questionamento em que ela coloca... é... forma e conteúdo. E ao colocar forma e conteúdo, ela faz,

né, um panorama... é... da própria língua, né, usada a partir das classes populares.

E gente... eu me valho muito de Lélia nesse sentido e a gente sabe que as classes populares têm formas diversas de assunção ou de apropriação da língua portuguesa. E aí é interessante e aí eu fico às vezes preocupada, como também esse legado de Lélia, se ele não for lido com muito cuidado, há um perigo, porque... fazendo um parêntese: a academia tem muita dificuldade de entender ou de lidar com novas práticas de conhecimento ou com novos métodos.

Então há uma tendência a ignorar esses métodos ou ignorar esses novos conhecimentos ou, então, tomar isso de uma forma muito rasa, né? E vulgariza no sentido de tornar, de pertença de todos não, é no sentido de não perceber, inclusive, não é nem a sutileza, mas não perceber os meandros daquilo que a gente coloca. Então eu tenho lido também muitos textos e aí o pessoal adora assumir a fala da Lélia ou apropriar a fala da Lélia e dizer do “pretoguês”, né? Porque essa linguagem é o “pretoguês”. Então eu acho que também se corre o risco de achar... se eu conseguir traduzir, de achar que coisa de preto ou que afirmação de preto é coisa fácil, é coisa... é coisa banal pra se aprender. Sem perceber a sofisticação daquilo que a gente coloca.

Porque Lélia, quando ela fala do “pretoguês”, ela não está interessada, me parece... não é só mostrar, por exemplo, uma mudança fonética entre o L e o R, né? Eu acho que a Lélia, ela tá colocando muito mais do que isso, né? Eu acho que dá inclusive. pra se pensar a própria imposição da língua, né? E como a imposição da língua portuguesa e como a colonização fez com que nós perdêssemos todo o conhecimento das línguas originais.

Porque quando Lélia fala do “pretoguês”, o Bendito que vai falar que o pensamento dele vai propiciar o próprio pensamento ou a própria teoria da democracia racial, o Freire já tinha dito que as culturas negras e, especialmente, as mulheres escravi-

zadas dentro da casa grande... vão marcar a língua portuguesa. E aí ele usa aquela metáfora belíssima, né? Que é como se a mãe preta mastigasse a língua portuguesa e depois pusesse na boca da prole portuguesa e por isso, então, essa doçura do português falado principalmente no Nordeste.

Lélia coloca uma outra situação, a Lélia não coloca essa interferência das línguas africanas na língua portuguesa. A colocação de Lélia nos permite ler, inclusive com rebeldia.

Então eu acho que são esses aspectos também que Lélia - a gente pode pensar Lélia também como uma pessoa criadora de caso - é na língua portuguesa.

E pensando sobre o legado de Lélia, o que nós vamos fazer com isso, né? Ou o que que os novos pesquisadores... Aí quando eu falo “novos pesquisadores”, eu não estou falando não é na questão de idade, até porque nós, mulheres negras, muitas vezes vamos... é... chegar ao mestrado, ao doutorado ou até a graduação numa idade longe do que normalmente as classes privilegiadas chegam.

O que que nós vamos fazer com o legado de Lélia, né? Para que nos serve o legado de Lélia? E aí eu acho que a gente tem uma função de sermos também criadores e criadoras de caso, como Lélia... como Lélia foi. Porque quando você chega na academia com uma pesquisa que você vai ler o texto de Lélia, você não pode chegar de uma maneira rasa lendo esse texto. Você não pode fazer com que esse texto seja fácil. Você não pode permitir que qualquer um pesquisador, só porque tem uma pele diferente da nossa, possa achar que ele é o sábio, né? Que ele é dono da pesquisa, né? Que ele tem mais competência do que a gente pra ler esse texto.

E eu acho que vivemos um momento em que a academia tem se assustado, porque até agora a academia sempre nos assustou, mas o momento que a academia tem se assustado é quando nós levamos e lemos esses textos segundo a nossa perspectiva.

E eu acho que a gente aprendeu isso muito com Lélia também, né? É ler o texto, é discutir esse texto segundo a nossa perspectiva. E aí a gente tem uma responsabilidade também muito grande, porque o pensamento de Lélia, ele cria uma tradição. nesses estudos acadêmicos. E aí eu não posso deixar de falar de Beth nisso... que foi...

...A primeira dissertação sobre Lélia Gonzalez. Quando que foi Beth? 2000? E que praticamente não tinha nenhum material teórico que ajudasse, né, que propiciasse pensar, né? E o seu esforço, o seu compromisso também, né? O seu compromisso também. Então hoje eu acho que a academia, - não porque a academia tenha mudado -, eu não acredito nisso, a academia não mudou. Não mudou. Mas que ela, hoje, é obrigada a nos recepcionar de uma outra forma. E ela só nos recepciona de uma outra forma, porque nós criamos esses espaços, nós forçamos esse espaço.

Nós questionamos o currículo, a bibliografia dessa academia, os professores que estão lá presentes. E sem sombra de dúvida foi Lélia que iniciou esse processo. Lélia tá aí, né? Eu me lembro de um quando eu entrei pro mestrado na PUC e Lélia dava aula lá, então eu fui pra uma palestra de Lélia. E Lélia também, eu acho que ela criou uma nova metodologia a partir das nossas experiências, né? Eu me lembro que Lélia abriu uma palestra cantando dona Ivone de Lara: “Eu vim de lá, eu vim de lá pequeninho”. Gente, me deu alguma coisa que eu não entendia muito bem nem o que tinha dado.

E Lélia canta e depois ela vai pra Aquiles, ela começa a falar do mito de Aquiles. Então essa capacidade dela também de transitar nesses campos diversos de conhecimento, isso desconcerta a academia, né? Tanto desconcertou e desconcerta, que pela trajetória acadêmica de Lélia dentro da PUC, a Lélia merecia ter tido um lugar de mais proeminência dentro da PUC. Então ela, como criadora... criadora de caso também, ela sofreu as suas limitações. Então eu acho que pra novos pesquisadores, aí eu não tô me referindo a idade, né, porque eu não sou nova, embora possa até parecer.

Então eu acho que os novos pesquisadores têm essa obrigação de saber lidar com esse legado de Lélia. Algumas outras coisas aqui que eu vou sobressaltar em... em relação à trajetória pessoal de Lélia. Quando se lê, ou se sabe que Lélia também veio de uma experiência de ter trabalhado em casa de família como babá, então eu acho também que o que a gente pode constatar? Que a ascensão das mulheres negras é uma ascensão que tá sempre ligada a uma história de subalternidade. Se a pessoa não viveu aquela situação de subalternidade, alguém da família já viveu, ou a avó ou tia ou prima. É... outra... também pensando na trajetória... é... de Lélia, a Lélia tinha tudo também para que a trajetória de Lélia é exemplar pra quem quiser trabalhar com o discurso da meritocracia, né? Mas ela não parou, ela nunca permitiu.

Ah, outra coisa também que eu acho que a gente pode pensar em relação ao legado de Lélia; quando ela busca a imagem da mãe preta e quando ela fala de ancestralidade, que hoje é um termo também que todo mundo usa, né?

Aliás, os brancos aqui que me respeitem também, mas parece que eles descobriram que eles têm ancestralidade, né? Porque eles também agora deram para buscar a ancestralidade.

E acho que um dos grandes feitos de Lélia também é ela ter conseguido propor linhas de pensamento, é ela ter conseguido colocar a nossa história ou colocar essa história também como fundamento epistêmico. Entende?

E eu acho que esse também é um ponto do legado de Lélia que a gente não pode perder de vista dentro dos nossos estudos de nossas pesquisas. E os modos como já falei, né? Como ela reverte os modos tradicionais... é... de uma pessoa de uma fala acadêmica, né? E a Lélia não fala... não é... por inocência.

Nós negros, mulheres, pobres, gays, periféricos, sabemos muito bem o olhar ou a maneira como a academia nos encara. E me parece que Lélia, cria uma tradição de pensamento entre nós, principalmente nós mulheres negras.

Só um parêntese aqui também, vocês já perceberam como hoje tem uma geração de homens que citam as mulheres negras. Mas vocês já perceberam que teve uma geração passada de homens intelectuais que eu procurava alguma citação de Lélia, não tinha? Não tinha. Então eu acho que essa geração talvez avance, porque eu vejo também homens citando as mulheres negras pensadoras, mas antes, antes não. E o mais interessante, que a gente tomava esses homens como referência. Tomava.... Mas, graças a Deus, agora já tem tantas mulheres também que a gente pode tomar como referência. Eles continuam bons, não é isso que eu tô dizendo. Eles continuam bons, mas as mulheres são ótimas, né? Então...

Também, eu acho que Lélia criou um legado que nos permite também pensar e aprofundar e ajudar a construir uma tradição de pensamento negro...nos nossos estudos, nas nossas pesquisas.

Se lermos com cuidado o que Lélia coloca ou o pensamento de Lélia, é um pensamento que a gente pode dialogar com o pensamento de Luiza Bairros, com o pensamento de Sueli Carneiro. Quando Lélia fala na ancestralidade, a gente pode pensar em Leda Martins, com o tempo... é circular. Modéstia... Espiralar, né? Me desculpe a modéstia, mas pode pensar em “escrivência”. Entende? Então... é...

... E parece que a gente tem hoje essa felicidade e esses e essas novas pesquisadoras têm uma responsabilidade muito grande. Porque Lélia, quando ela começa, ou Sueli, né? Ou.... a própria Luiza Bairros, né? Essa difusão do nosso pensamento era muito menor, era quase que nula.

Em 94, quando eu fiz a minha dissertação de mestrado na PUC sobre literatura afrobrasileira, não tinha nenhuma dissertação de mestrado ou nenhuma tese sobre literatura afrobrasileira. Tinha alguns artigos e algumas professoras também que tinha uma experiência de *gost writer* e que escreviam sobre literatura negra, mas não tinha consistência..... Eu acho que hoje a gente tem uma fortuna crítica para pensar essas várias

vertentes, inclusive diferenciadas dentro da academia e que nos permite, nos dá a substância, né, nos dá sustância. pros nossos estudos. E aí, voltando, inclusive a Sueli falou isso, né?

Quando Lélia conta as histórias pessoais dela e outras mulheres negras criam coragem ou se encontram nessa própria história, então, é isso que eu quero afirmar. E quando outras mulheres negras se encontram nessa própria história, apesar de ter sido uma diferente experiência pessoal, mas que ela se transforma numa experiência coletiva, isso tem tudo a ver com o que eu defendo em “escrivivência”, tá?

Que não é somente, né? E por isso que aí eu faço toda uma distinção da unificação... a sintaxe da escrita e coisa e tal. Porque as nossas experiências de luta e de pensamento, primeiro, normalmente nasce de uma prática. Acho que primeiramente nasce de uma prática, depois então nós teorizamos. E por isso que muita coisa nossa não é escrita, é vivida no sabor dos acontecimentos, é vivida no sabor do fazer, mas não é escrita.

E eu acho que esses novos pesquisadores também têm essa responsabilidade, de registrar... as nossas experiências. É... me perdi, gente. Mas é o cansaço. As vezes eu fico até preocupada. Depois eu acho então.

Mas reitero é pensar justamente esse legado de Lélia, o que nós vamos fazer com isso eu quero insistir, o que que nós vamos fazer com esse legado que Lélia nos deixa e que nós temos essa obrigação assim, isso que eu quero dizer. E que nós temos essa obrigação de afirmar essa tradição negra que está invadindo hoje os espaços acadêmicos e é uma tradição negra muito marcada pelas mulheres. Muito marcada pelas mulheres. Então eu acho que a gente tem aí, eu acho que a gente tá sabendo honrar o que Lélia nos deixou, né?

E como o pensamento dela pode ser ampliado, né? Porque eu acho que uma ideia tem uma validade maior justamente nessa possibilidade de abertura, nessa possibilidade de apropriação que essa ideia possa oferecer.

Outra coisa também que me chama a atenção em Lélia era a sofisticação de Lélia e a habilidade dela de transitar em campos tão diversos. Ela transitava na academia, ela chegava em Madureira e transitava com a mesma elegância, com a mesma potência, sendo capaz também de viver e de entender mesmo e de contribuir, com o fazer do samba, né? E aí vem muito o que a Sueli falou também, da intelectual orgânica, né?

Essa que tem também essa capacidade de transformar pensamentos, né? De transformar pensamentos em ação. E a coerência de Lélia, né? Eu acho que a Lélia era uma pessoa, dessa coerência mesmo, do fazer, do falar e do agir, do buscar, do interrogar e de criar o caso. E foi criando caso que Lélia tá aqui até hoje, mas a gente não pode deixar também de lamentar o lugar de grandeza que Lélia teve dentro da própria PUC. E esse lugar não foi tão visto, né? Não foi tão celebrado, né? E a gente sabe também por que que esse lugar não foi tão celebrado, né? Porque era uma acadêmica negra, uma professora negra, que ousou incomodar todos... todos que não gostam muito de ser incomodados. Gente, é isso.



Melina de Lima (Mediadora): É e ela disse que não tinha o que falar, viu gente? Só mais uma aulinha. Gente, eu queria só pontuar duas coisas também, né, que a sua fala, duas coisas que a sua fala me trouxe foi, primeiro, a questão do podendo viajar, né? Foi podendo inclusive conhecer a “América Ladina”, que Lélia também reconheceu essa questão do “pretuguês”, né? Da influência das línguas africanas também no espanhol da “América Ladina”, também no... no francês da “América Ladina”. Isso também reforçou a questão do “pretuguês”, né? De reconhecer a influência também das línguas africanas, do português falado no Brasil. E a questão dos textos mais antigos de Lélia, são muito mais acadêmicos, né? densos, né? E depois essa questão de querer atingir, de querer ser compreendida, né? De falar o “cumé que fica”, né? De usar as gírias dentro dos seus textos acadêmicos. E isso é uma coisa que também me

trouxe essas suas falas, que eu também enxergo nos escritos e nas teorias de vó Lélia.

Bom, muito obrigada as duas queridas. Elas ainda vão fazer as falas finais e a gente vai conseguir abrir para três inscrições. Já temos uma inscrição aqui, duas, três. Então eu passo ali.



Silvia de Mendonça (plateia): Eu sou Silvia de Mendonça. Ekedí, yabé do Ilê Ogum Megegê Axé Baru Lepé. 85 anos em Duque de Caxias, mas corpo ativista. A gente vem do União e Consciência Negra, em 1980, em Duque de Caxias. A gente vem do Movimento Negro Unificado. A gente vem hoje, atualmente, do “Parem de nos matar” e dos “Vidas negras importam”. A gente vem hoje... Eu sou a tia Silvinha de um movimento chamado “Culturas Urbanas e Periféricas”, das batalhas de rima, batalha de poesia, hip hop, rap, afro beat. É uma molecada que tá nas favelas e periferias do Brasil, em especial, do estado do Rio de Janeiro. Mas antes de tudo isso, eu venho nessa construção de ter vivido, convivido com Lélia Gonzalez. A gente quando é da periferia... Você pensa numa favela na periferia da cidade do Rio de Janeiro, é diferente da Babilônia, do Chapéu-Mangueira. Você pensa na Baixada Fluminense, é diferente da Zona Norte. A gente acaba não estando muito nos espaços onde a universidade está e quando está, a gente tem observado isso, não volta pra devolver pra esses territórios aquilo que a gente pegou lá nas academias. Então essa molecada tem percebido isso. E Lélia desconstruiu o que essa negrada, de um modo geral, tá querendo fazer e retomar com essa população branca, que sempre assumiu esses espaços. Então eu tive o privilégio, e a gente dizia assim na época, né, em 1980. 81, a gente criou a TV Olho, a primeira TV comunitária da Baixada Fluminense, do Brasil.

A Lélia estava lá com a carona dela, junto com a mulherada preta de Duque de Caxias, lutando, por exemplo, que era área de segurança nacional Caxias. O prefeito de Caxias até 85 era indicado pelos coronéis da Ditadura Militar. E Lélia chegou... E o Instituto de Educação Governador Roberto Silveira, as

meninas pretas não entrava, escola estadual em formação de professores. Lélia orientou a gente, sua mãe. Vai lá e pesquisa depois, quem é essa Silvia de Mendonça? Será que ela tá de caô, tá com história? Não. É fato. A Lélia chegou e falou: “Vocês têm que ir pra porta da prefeitura e reivindicar”. A gente fez cartolinas dizendo para o Prefeito da época, que era o Renato Moreira da Fonseca, eu não esqueço. Eram 15 meninas pretas. “Faz prova. Bota prova, para a gente ver. Quem passar, entrar no Instituto de Educação Governador Silveira”. E isso começou a acontecer. Foi ela que ajudou, foi ela que teve presente, foi ela que sempre ultrapassou os muros das universidades, que é isso que tem que ser feito.

E aí pra fechar mesmo, conheci Lélia nesse período, em 80... Eu sou filiada ao PT desde 1982, a gente é filiado lá da Baixada, de 82 até hoje, meu único partido. E aí a Lélia nos mostrou, para finalizar mesmo, e é nessa luta que nós estamos até hoje, desencarceramento das mulheres pretas: 68% são mulheres pretas, que não tem visita no domingo, porque os filhos têm que ficar com as avós ou, então, a avó tem que visitar o homem que tá preso.

E essa mulher preta às vezes tá lá presa por algumas gramas de maconha. Aí você pega, por exemplo, a Adriana Anselmo, ex-mulher do Sérgio Cabral, crime hediondo, em casa tirando uma onda com tornozeleira. E um monte de brancas nessa mesma situação.

Então a Lélia passou isso pra gente. Lélia tem essa história, estatuto de promoção da igualdade racial. Ela já tinha morrido, mas a gente deu continuidade nesse processo todo. Do ECA, a gente tinha os fóruns junto com Lélia presente, o Estatuto da Criança e do Adolescente. Plenário Pró-Participação Popular na Constituinte, a nossa história tem que tá nessa Constituição. Lélia presente.

Ardo (plateia): Nossa, isso muito bonito. Muito bonito.

Gente, eu vou tirar aqui o meu fuzil, minha resistência. Eu não



vou demorar muito não, tá patroa? Gente, o meu nome é ARDO. Digo Muito obrigado também por representar a quebrada, os jovens. Eu acho que eu, enquanto um corpo preto e homem também, nesse lugar de fala, agradecer principalmente a Lélia Gonzalez, né? Porque se hoje eu carrego esse fuzil é porque eu tive acesso a lugares que graça a ela... graças a ela as portas foram abertas. Eu fiz um curso na PUC de fotografia e quando eu adentrei na sala, eu vi muita gente branca ainda, né, nesses lugares do audiovisual, que a gente sabe que é um lugar que tá dando dinheiro. E eu não me senti representado, então eu fui buscar lugar pra representar. Hoje eu trabalho em muitas casas pretas, restaurantes de culinária africana, casas de samba. E hoje tá aqui fazendo esse trabalho só reforça mais ainda a minha significância pra esse rolê, que é datar, retratar, momento assim muito importante pra nossa história.

E aproveitando aqui falar aqui sobre rap, né? Eu sou um garoto preto periférico e eu não vou deixar de cantar pra vocês aqui, É... é mais ou menos assim:

Eu sou filho de uma mulher que faleceu aos 35 anos. e

E sou filho de todas as mulheres do Brasil, principalmente as preta.

Com certeza, as pretas, tá?

E o que eu vou contar aqui pra vocês é a minha história.

Eu sou um garoto ex-Febem, tá? Ex-Febem.

Mas um menor que passeou por várias coisas,

Fui atravessado por várias paradas e, enfrentando as dificuldades, graças a Deus, eu tô aqui nesse lugar.

E sem mais delongas, eu vou contar pra vocês aqui a minha história:

“Pequeno, jovem, a chave. Muralhas de combate, só tu sentas a verdade. Dizem ser só uma fase. Te obrigam a roubar, pra ter o que comer. Fingem não te enxergar, tentam apagar você. Ele quer ser feliz, mas quem não quer ser feliz. Ele quer ser

ator. A morte é uma atriz, sistema ou escritor dessa cena infeliz, que se multiplicou por todo o país. Minha mente explode; cavalo de Troia, renascido das cinzas eu modifico a história. Figura infalível, do mundo distorcido, ontem eu era uma página, hoje eu sou um livro vivo. Teu pai te abandonou, tua mãe não tá aqui, família desertou, o sonho é ser feliz. Prazer mundo opressor, eu sou novato aqui. Só que tu se ferrou, vim te fazer cair. Olharam nos olhos daquele moleque que andava na pista enxergaram profundamente que nunca entenderiam o que ele queria. E o que ele queria? Uma realidade que se aproximasse de algo que não fosse baseado em falsa profecia e heresia. Avisa o profeta que esse menor se tornou o novo Messias, mas não esse Messias embranquecido que tu lê na Bíblia, ele caminhava descalço, jogava uma bola, soltava uma pipa na porta da escola e do nada foi atingido por uma bala perdida. Que triste notícia. E na TV tu vai ver um corpo de um jovem na pista”. Obrigada, gente.



Ieda Leal (plateia): Bom. É... meninas, só Lélia pra nos juntar e fazer tudo isso, né? Não existe em outro local essas questões. Eu queria dizer pra vocês duas que vocês vão receber do Movimento Negro Unificado uma muda de baobá.

E aí só Lélia pra juntar duas mulheres, pra fazer com que eu saia de Goiás, com a mala cheia de muda de baobá e entregar pra vocês. Eu quero dizer, Conceição, e é assim que a gente precisa chamá-las, são doutoras, são escritoras, são magníficas, amigas.

É. E aí eu pedi, eu falei: “Melina, vamos entregar o baobá”. Ela sabe que elas não podem plantar na... né? Na varanda. Então é pra colocar num lugar muito especial. E esses baobás, e... eu fiquei assim... é... ontem eu expliquei, entreguei um pra Melina, é um baobá que representa as 2000 pessoas que estiveram no lançamento do MNU, em 1978, nas escadarias de São Paulo. Nós recebemos e nós estamos distribuindo para as autoridades deste país. Plantem essa ideia.



Melina de Lima (Mediadora): Eu passo, agora, a palavra pras considerações finais, pra essas duas gênias, tá?



Conceição Evaristo: Gente, na consideração final eu vou fazer uma consideração inicial, que eu esqueci de fazer. Mas eu acho que todo mundo já sabe, e quem não sabe ficará sabendo agora que Sueli recebeu o título... o título não, ela recebeu a cidadania beninense. Nós estávamos em Beni, para um trabalho e a Sueli recebeu o título de cidadã beninense.

Por que que isso é significativo? Por que que a gente pensa em Lélia também? E aí a gente vai para a questão do panafricanismo, vai pra questão da diáspora. Mas há muito o movimento negro sempre questionou, sempre desejou que nós, afrobrasileiros, tivéssemos também uma nacionalidade de algum país africano. E a desculpa desse país africano foi sempre como nós não sabemos de que região exatamente da África nós não viemos, então como definir uma nacionalidade para a gente. E ano passado o presidente de Benin esteve aqui e levantou essa possibilidade e agora a gente esteve em Benin, em novembro, e Sueli recebeu. E aí eu vou usar um termo que eu detesto usar, aí todo mundo fala, é a primeira mulher afrodiaspórica, me parece que das Américas, pelo menos na América Latina, eu não sei dos Estados Unidos, que recebe essa que é considerada, né, uma cidadania de um país africano. Mas com Sueli, eu não vou falar que é a primeira, porque a gente sempre tem dito que o interessante não é ser a primeira, né? O interessante é você abrir perspectiva. Então a Sueli não é a primeira, com certeza, Sueli, você é o ponto inicial. Porque quando a gente fala de início, a gente pressupõe continuidade.

Então, Sueli iniciou um processo, que também tem que ser louvado pelo governo brasileiro, as autoridades brasileira, a política brasileira tem que tomar conhecimento de que Sueli inicia um processo de nacionalização de afrobrasileiros sendo reconhecidos em países africano. Além do fato de que essa

mulher merece, trata-se sem sombra de dúvida, da continuidade e ressoa toda uma luta... é... de Lélia Gonzalez.

Quando isso aconteceu, nós estávamos diante do Ministro das Relações Exteriores do Benin e do Ministro da Justiça. E o Ministro das Relações Exteriores disse uma coisa que me tocou profundamente: ele disse que a outorga de cidadania beninense para todas as pessoas da diáspora, que comprovadamente são descendentes de povos escravizados, né, da África Subsaariana, era uma política de reparação. E eu disse pra ele que tudo que a diáspora negra espera ouvir de lideranças africanas é isso, nós queremos ter um lugar pra chamar de nosso também dentro da África.

E nós temos certeza de que a África precisa da sua diáspora, assim como a sua diáspora precisa da África. E que isso tem que ser o começo de um círculo virtuoso entre africanos e a diáspora africana. Então essa é a história... é a história dessa cidadania, que remonta um sonho pan-fpan-africanista, de Kwame Nkrumah, né? Lá em Gana. E que o Benin inaugura e eu espero que seja inspirador, pra que vários outros países da África acolham a sua África.

Essa é jornada que nós fomos fazer. E fomos dizer: “Retornamos e voltamos pela porta da frente, pela porta do não retorno”. E pra dizer que: “Estamos e viemos pra ficar. Então arrume um lugar pra gente legal aí”, sabe? É isso.



Sueli Carneiro: E eu quero agradecer essa noite, né? Foi lindo lembrar, Lélia sempre é... é axé, sabe? É axé

Tem uma coisa que eu tenho que dizer, que sempre me incomoda, sempre há um esforço. E a senhora cansou de dizer: “Doutora, sim. Eu acho que essa coisa... há uma preocupação muito grande muitos de nós, em alcançar esse tipo de reconhecimento, especialmente da academia.

Eu acho que essa academia não merece esse esforço, até porque ela é epistemicida no que nos diz respeito. E o que fizeram

com Lélia isso que foi tão acentuado por Conceição, da negação, né, da valorização, fizeram com Milton Santos, fizeram como... eu assisti, eu fiz banca de pessoas que não puderam usar, por exemplo, Muniz Sodré como bibliografia na ECA. Eles fazem isso o tempo todo. E nós temos que parar de ficar batendo na porta dos brancos pedindo e clamando por reconhecimento. Nós temos que construir as nossas próprias estruturas de validação.

E uma das coisas que mais me irrita quando eu ouço falar em Lélia Gonzalez com o esforço de dar a ela o estatuto de uma grande intelectual.

Ela foi; mas eles nem mereceram. Agora, ela foi essencial para nós, porque ela continua viva, presente e atuante no nosso imaginário, na nossa ação política e nos nossos processos emancipatórios.

Que a academia faça o que quiser, entendeu? Nós sabemos a história dela, nós sabemos para que que ela serve, nós sabemos que ela é uma instância de reprodução da nossa opressão.

Então nós temos que saber muito bem o que nós vamos fazer lá, porque não é só pedir reconhecimento. Se nós não formos lá para praticar algum tipo de insurgência, não precisamos ir. Era só isso.



Melina de Lima (Mediadora): Gente, é... eu também agradeço imensamente a... as duas queridas, agradeço todo mundo que tá presente, agradeço ao convite, a Fundação Banco do Brasil, a REDEH, a AACIC, né? Carla, Cleo, Kleyton. Obrigada, né? A nossa conversa foi boa. Olha o que que tá gerando. É isso aí. Lélia Gonzalez vive. Muito obrigada e Axé Muntu.



Conceição Evaristo: Axé.

Realização:



Parceria:



**PROJETO
MEMÓRIA**

LÉLIA Gonzalez

**Caminhos
e Reflexões
Antirracistas e
Antissexistas**



www.projetoleliagonzalez.com.br

Acompanhe o Projeto Memória nas Redes Sociais:

 @pm_eliagonzalez  @pm_eliagonzalez  pm_eliagonzalez